

CAMINHOS DO IMAGINÁRIO NO BRASIL: MARIA PADILHA E TODA A SUA QUADRILHA

Marlyse Meyer

Para Laura de Mello e Souza e Peter Fry
Para Carlo Ginsburg

Este texto desenvolve um artigo de janeiro de 1988, que foi objeto de uma comunicação na École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, maio de 1988. Trata-se de uma versão condensada de um trabalho que em breve deverá ser publicado na íntegra.

Às vezes me pergunto se nossa produção científica gloriosa, florão da sociedade dominante, não tem, para quem quer ter acesso a ela, alguns daqueles traços que Gramsci atribui ao folclore: o aspecto fragmentário, diferentemente estratificado do saber.

Excesso e compartimentação não permitem mais, é claro, aquele conhecimento global, privilégio do século XVIII. Mas, ainda que limitando a curiosidade a uma área—a cultura brasileira, por exemplo—aquele que imagino poder alcançar um saber completo deve certamente adotar atitude análoga à que Gramsci sugere para abordar o saber folclórico:

Confrontar áreas diversas, fazer a história das influências sofridas por cada área, não comparar entidades heterogêneas, saber ler as diferentes estratificações em áreas diversas.

Lembrar que

o próprio povo não é uma coletividade homogênea de cultura, mas apresenta estratificações culturais numerosas e variadamente combinadas.¹

I. GRAMSCI, Antonio.
Letteratura e vita nazionale. Torino: Einaudi, 1950. p. 1.

Como dar conta da quantidade e dos limites estanques das especializações?

Sonho com uma forma de conhecimento que pudesse adquirir e combinar adequadamente todas as informações, o que permitiria abordar sob todas as faces a entidade Brasil: algo análogo àquele rearranjo de tudo que constitui a música popular brasileira, como diz Regis Duprat no belo texto de encarte do disco *A Bela época da música brasileira*.

Mas ao professor, além da árida atualização de gabinete, a instituição oferece momentos e circunstâncias que permitem aumentar o universo do saber próprio, numa troca fértil com saberes outros, eliminando as compartimentações, permitindo o livre jogo de associações e abrindo-se para novas perespectivas.

Penso, por exemplo, na situação, a priori insuportável, o tribunal de Inquisição que é o cerimonial de defesa de tese. Mas que permite ao involuntário promotor ouvir falar de (e aprender), desde a poesia de Mário de Andrade até a revista *A Scena Muda*; da telenovela às doenças simbólicas na Umbanda; do circo teatro às cortesãs na literatura; sem esquecer das Feiticeiras no Brasil Colonial, que suscitaram este texto.

Outra circunstância benéfica, que faz esquecer a penosa tarefa que é a correção de provas, na medida em que estas são trabalhos diversificados, de diversificados alunos do curso de Pós-Graduação, quer pela sua origem geográfica e cultural, quer pela sua formação, quer pelo "objeto de estudo". O que obriga a corrigir (?), a julgar (?), mas leva principalmente ao auto-enriquecimento. Porque permitem transitar dos diamantes das Gerais aos cordões de Pássaros de Belém do Pará, do Triunfo Eucarístico às festas de arraial rememoradas por uma avó portuguesa, dos emigrantes alemães do Rio Grande do Sul, ao muito particular culto afro-brasileiro do Maranhão, o tambor de mina. E, no tambor de mina, me foi mostrado pela pesquisadora Nundicarmo Ferreti um novo meandro desses obscuros caminhos do imaginário no Brasil, onde reencontrei velhos conhecidos: o mundo de Carlos Magno. Melhor dizendo, de seu fidagal inimigo, o Almirante Balão e sua estirpe. Ensinou-me ela que lá existe um terreiro da Turquia, um terreiro do Egito, onde circulam Encantados da família Almirante, seu filho Ferrabraz, sua filha Floripes. E mais, ao contrário do que venho observando no conjunto de folguedos populares

2. Nítida origem Malê. Cf. REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês*, 1935. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 129.

brasileiros de esquemas cristãos e mouros, onde há vitória sistemática do “cristão”, ou seja, do poder dominante, na casa de “seu Turquia”, a linha dos “turcos” é forte, soberana. Mantém seu poder, sempre, porém, dentro de características de violência de “pagão”. O povo tuco briga, e bebe, e se vangloria: “Meu pai é mouro, eu sou mouro, /Viva a família de mouro!” Mas isto não impede misturas de famílias e trocas culturais, via São Luiz, Rei de França; o Rei da Turquia pode ser Jaguarema e o Encantado Tabajara traz seu “rosário da Turquia”.² Ao passo que Joana d’Arc é Douro, pode ser Santa Bárbara, é turca e francesa, cristã e feiticeira. É também Iansã.

É muita coisa para a pobre lógica do intelectual, que não é a do poeta... Aquele que em Pasárgada é amigo do rei, “onde Joana a Louca, de Espanha, rainha e falsa demente vem a ser contraparente da nora que nunca tive”. (Cf. Manuel Bandeira, *Vou-me embora pra Pasárgada*.)

Quando me descrevem essa complicada rede de relações familiares, onde cada um sabe e narra a sua história, torna a me invadir aquele espanto que acompanha cada novo encontro com Carlos Magno e sua gente. Espanto diante da capacidade afabuladora dessa população praticamente analfabeta e que talvez, por isso mesmo, tenha conservado da oralidade ancestral o dom de construir mitologias das mais complexas, redes múltiplas de relações de parentelas e poderes. Para dar forma a esse espanto, formei um pseudo-conceito, o de perplexidade cultural. Uma perplexidade, inútil dizer, que é a do pesquisador, mas que está ausente da percepção e práticas dos agentes e receptores dessa cultura. É um mundo absolutamente lógico e familiar, tanto para os Encantados e quem os recebem, melhor dizendo, revivem, quanto para uma dona Conceição que conheci em Poços de Caldas, na flor dos seus oitenta anos. Ela era mestre do Terno de Congo de S. Benedito, por herança do pai, antigo escravo; desfilava com seus trajes brancos de mãe de santo, lado a lado com Carlos Magno, belo homem, torneiro numa montadora de automóveis de São Paulo e cumpridor de promessa em Poços, que marchava à frente de sua “tropa” na congada, e à frente da procissão, com seu manto de veludo azul celeste, coroa e cetro imperial. Dona Conceição, unindo o tradicional ao moderno, também foi fundadora da primeira escola de samba da cidade. E exercia essas funções todas, “por ordem de meu Pai Xangô, São Benedito e Nosso Snr. Jesus Cristo.”

Outro elemento que vem alimentando minha perplexidade é a questão do que se apresenta como ressonâncias, reminiscências europeias. Dado recorrente da cultura brasileira, coloca evidentemente, não só a questão das “influências”, termo abandonado na atual Literatura Comparada, e, que de qualquer maneira, tem conotação “sui generis” nestes países de origem colonial, sempre referidos a

uma metrópole, como coloca, neste contexto colonial, a questão da cópia e do modelo.

Irritante problema, abordado com sua costumeira lucidez crítica por Roberto Schwarz, no artigo “Nacional por subtração.”³ Questão inclusive, no entanto constitutiva da cultura e da literatura dos países deste lado do Equador, que têm, como diz Antonio Candido, um “vínculo placentário com a Europa”.

Observar essas ressonâncias européias, tentando compreender os novos sentidos, é o que vem norteando as pesquisas das quais este texto dá alguns exemplos. E o que alimenta minha perplexidade é encontrá-las não só na cultura oficial, dita culta, como nas suas manifestações ditas populares. Examinei-as, noutro estudo, através da persistência do tema de Carlos Magno e os Doze Pares de França. Nesse caso, essas marcas européias são explícitas, sem outro mistério que o da sua permanência secular. No caso do que pretendo tratar aqui, essas marcas antes são imaginadas pela pesquisadora, que tenta construir passagens, reencontrar os elos perdidos, que levam de *um nome a um nome*. De Doña Maria de Padilha amante de um rei de Castela, a Maria Padilha, pomba gira de Umbanda.

Este é o relato de uma trajetória: a de meus encontros com esse nome. De uma perplexidade que levou a passagens, que só a minha narrativa constrói.

Perplexidade somada ao extraordinário interesse suscitado pela tese de doutoramento de Laura de Mello e Souza sobre feitiçaria do Brasil colonial,⁴ cuja banca integrei. Motivo do espanto: aparecia, associado a práticas feitiçarias portuguesas e coloniais, um nome, Maria Padilha, que tanto meu companheiro de banca, o antropólogo Peter Fry como eu, conhecíamos: designava, para nós, uma Pomba Gira de Umbanda.

Laura de Mello e Souza, a partir de suas pesquisas nos arquivos da Torre do Tombo em Lisboa, nos processos da Inquisição, pode reconstituir a vida, as práticas, os itinerários de algumas feitiçarias portuguesas, degredadas para o Brasil no século XVIII. As andanças de Antonia Maria, por exemplo.

... Na Lisboa setecentista... Domingas Maria usava do sortilégio da peneira, rezando (...) Por São Pedro e por São Paulo, por Jesus crucificado, por Barrabás, Satanás e Cai-fás, e por quantos eles são, por Dona Maria Padilha e toda a sua quadrilha, me digas, peneira, se as ditas duas pessoas estão presas...

Da mesma,

3. SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In.: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29-48.

4. A tese foi publicada com o título de *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Para não ser morta pelo marido, fazendo fervedouro com pedaços de pano, coração de pombo, alecrim (...): Por Barabás, Satanás e Caifás e Maria Padilha com toda a sua quadrilha.⁵

5. MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 160 e p. 198, nota 14.

Na Colônia vai-se encontrar a invocação a Maria Padilha pela boca da feitiçeira Antonia Maria. Quem era Antonia Maria?

Casada com Vasco Janeiro, “natural de Beja, Antonia Maria saíra penitenciada pelo Santo Ofício de Lisboa em 1713. Acusada de feitiçaria, degredaram-na para Angola pelo tempo de três anos. Sabe Deus como, Antonia veio ter no Brasil, e foi morar em Pernambuco”, “por volta de 1715, juntamente com outra feitiçeira, Joana de Andrade” com a qual tudo aprendera, ainda em Beja. “Arranjou uma casa na rua das Trincheiras com o quintal contíguo à casa do pedreiro João Pimentel, de 43 anos.” Este era casado, “mas a proximidade da feitiçeira, a comunicação das casas, a ‘fragilidade humana’ impeliaram-no a ter trato ilícito com ela, ‘desprendendo com a dita da sua pobreza a que tinha e ganhava’.” Donde brigas com a mulher, briga desta com a feitiçeira, a qual, diz o protesto, acabou jogando feitiço sobre as mulheres e escravas, do amante, do qual só “ficaram livres dos feitiços com purgas de ervas e raízes preparadas por um negro curandeiro.”⁶ Houve também disputa entre as duas feitiçeras por “ciúmes mútuos em torno do prestígio profissional (...) Segundo Joana, a amiga fora mais longe, aperfeiçoando-se na colônia com uma refinada feitiçeira chamada Páscoa Maria; o mundo colonial acentuava as vocações demoníacas.”⁷

6. *Ibidem*. p. 158, p. 200.

7. *Ibidem*. p. 200-201.

A feitiçaria de Antonia Maria, diz ainda Laura de Mello e Souza, incluía tanto aspectos da tradição mágica medieval, quanto a corrente demonológica erudita, mais moderna. “Na sua casa de Pernambuco, Antonia Maria tinha um boneco que lhe falava. Possivelmente um familiar”, da época em que “os homens dominavam a vontade dos demônios, valendo-se dos serviços que estes lhes podiam prestar.” Mas ela também reconheceu ter feito pacto com o demônio, “dando-lhe seu sangue num papelzinho”: os “pactos, apesar de serem espécies de contratos semifeudais, corresponderiam à nova realidade: sob a égide do satanismo e da eclosão de uma corrente demonológica erudita, os homens que antes sujeitavam demônios tornaram-se seus servidores.”⁸

8. *Ibidem*. p. 251-253.

Antonia Maria era um verdadeiro repositório de orações... Dentre o grande arsenal de orações que utilizava, a feitiçeira do Recife possuía algumas demonizadas: por volta de 1718... desmancha feitiço que ela mesmo teria lançado contra o pedreiro Domingos de Almeida Lobato. Começa

invocando: Satanás, Barrabás, Caifás, Diabo coxo, sua mulher.

Noutra oração: “Com Barrabás, Satanás, com Lúcifer e sua mulher”. E há as invocações demoníacas em que parece ser substituída a “mulher de Lúcifer” por Maria Padilha e toda a sua quadilha.”

Antonia Maria media a boca na tigela, batia no chão com três varas de marmeleiro, invocava Barrabás, Satanás, Caifás, Maria Padilha com toda a sua quadilha, Maria da Calha com toda a sua canalha, “cavalo marinho que com pressa os traga pelo caminho”. Jogava num fervedouro pedra d’ara, buço de lobo, alfazema, sangue de leão, barbasco.⁹

9. *Ibidem*. p. 198.

Para prender o amante cortava um queijo de cabra em três porções e, colocando-os à janela entre nove e dez da noite, dizia: “Este queijinho queremos partir a primeira talhada para Barrabás, a segunda para Satanás, a terceira para Caifás, que todos três se queiram ajuntar presto e asinha e isto que pedimos nos queiram outorgar, que fulano nos vá buscar e que pela porta venha a entrar e sem nós não possa estar.”¹⁰

10. *Ibidem*. p. 234-235.

Suspendendo a operação feiticeira, em se falando em queijos, lembro estas orações transcritas por Mário de Andrade:¹¹

Oração da Cabra Preta (Pagelança, Pará):

Minha Santa Catarina, vou debaixo daquele enforcado, tirar um pedaço de corda pra prender a Cabra Preta, tirar tres litros de leite, fazer tres queijos, dividir em quatro pedaços, um pedaço pra Satanaz, um pedaço pra Caifaz, um pedaço pra Ferrabraz, um pedaço pra “sua infancia”.

Se reza às sextas-feiras—às vinte-e-quatro horas.
“(sua infância é a designação da pessoa desejada)”

E esta ainda: *Oração da Cabra Preta* (Catimbós, Rio Grande do Norte):

Minha Santa Marta Elisa, assim como andaste, no caminho encontraste uma Cabra Preta, nela mamasse e nela pojasse, do leite dela que tirasse, fizesse tres queijos, um para Caim, um para Ferrabraz e outro para Satanáz. Quero com o poder

11. Não atualizo a ortografia das citações de Mário de Andrade, que vêm, a seguir. ANDRADE, Mário de. *Música de feitiçaria no Brasil*. São Paulo: Martins, 1963. p. 122-123.

que tendes... Fosses em Jômé, encontrasse uma vara com a ponta bem fina, quero que com ela toque no coração de (Fulano ou fulana), (...) abrande o coração dele, que êle queira quer não, já, já, já, si êle não conseguir o que eu quero, não o deixe dormir sossegado, nem comer, nem beber, enquanto não fizer o que eu quero. (Para se resar ao meio-dia ou à meia-noite.)

Mas voltando ao século XVIII, à interrompida invocação da feiticeira Antonia Maria:

Sentada no portal de sua casa, dizia: “Neste portal me venho assentar, e não vejo fulano nem tenho quem o vá buscar, vá Barrabás, vá Satanás, vá Lucifer, vá sua mulher, vá Maria Padilha com toda a sua quadilha, e todos se queiram juntar e em casa de fulano entrar, e o não deixem comer, dormir nem repousar sem que pela minha porta adentro venha entrar, e tudo quanto eu lhe pedir me queira fazer e outorgar, e se isto me fizerem uma mesa prometo de lhe dar.”

E Antonia voltava a lançar pedaços de queijos aos três diabos esfomeados.¹²

12. MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz*, op. cit. p. 235.

Mas talvez Antonia Maria não precisasse só recorrer aos seus saberes profissionais para enfeitiçar e amarrar os homens que queria, pois “parece que era mulher graciosa, de pequena estatura, alva de rosto, e este, largo, olhos pretos e formosos.”¹³

13. *Ibidem*, p. 235.

A esta altura, recrudescu meu interesse pelo encontro com Maria Padilha: já não só pela sua presença em invocações demoníacas, mas também porque a própria figura de uma de suas invocadoras, a Antonia Maria, feiticeira consumada e mulher sedutora, evocava a Pomba Gira de Umbanda. Na verdade, pouco sabia sobre esta. Tinha a informação de quem já ouviu falar em Umbanda e congêneres: a Pomba-Gira é uma mulher bonita, gosta de homem, tem algo da prostituta e da feiticeira e há uma delas chamada Maria Padilha. Eu conhecia também uma moça, a Beth de Oxum, que, diziam, recebia a Padilha.

Mais, não sabia, e teria ficado por isso mesmo, não fosse aquele feliz acaso que movimentava as pesquisas e haveria de me levar a um novo e imprevisível encontro com Maria Padilha.

Sempre às voltas com Carlos Magno e seus Pares, eu procurava os romances ligados ao tema no *Romancero General o colección de romances castellanos (anteriores al siglo XVIII)*, organizado por A. Duran. (*Romance* é aquela poesia narrativa, em versos de 7 sílabas, cantados, dos mais diferentes assuntos, muito populares na Península

Ibérica e se difundiram nas Américas com a colonização.) Eis senão quando, ao folhear os dois grandes volumes saltou-me aos olhos um nome, repetido por várias páginas em muitos romances: Doña Maria de Padilla. Emoção!

Resolvi então atirar-me à procura da misteriosa personagem. Narro neste texto meus encontros com ela: pinguelinhas lançadas a quem se dispuser ir mais longe para reencontrar os seus caminhos. Na poesia, que, das memórias e das Crônicas fez o romanceiro; no imaginário, que, tocando nas funduras da alma a transportou a ela e a suas quadrilhas demoníacas, de Montalvan a Beja, de Beja a Angola, de Angola a Recife, para, nos dias de hoje, baixar em Pirituba (bairro de São Paulo) e em outros terreiros espalhados pelo Brasil afora.

Doña Maria de Padilla figura nos Romances relativos à História de Espanha, ciclo de D. Pedro I, de Castela, dito o Cruel. São 14 romances seguidos, mais dois no Suplemento: um sobre Blanca de Borbón, anônimo; outro, romance burlesco do grande poeta Quevedo.

Chamado o Cruel pelas muitas mortes que ordenou, D. Pedro I mata seu irmão bastardo D. Fardique, Maestre de Santiago (romance nº 966). Mais outros irmãos, a madrastra, outros grandes senhores, dois Reis de Granada, mouros, de quem fora antes aliado (976, 977). Muitas mortes por influência de “una mala mujer”, a “hermosa” e vingativa Doña Maria de Padilla, cujos irmãos aproveitam, com seus conselhos de astúcia e felonía ao Rei, para “engrandecer-se” (974, 975). A eles poderia se aplicar o termo que encontro em outro romance, que trata de traições contra o Rei D. Alfonso, pai de D. Pedro:

Traidor sois Payo Rodriguez /... Porque siendo...
Vassalo del Rey Alfonso /Hiciestele alevosia;...
Entrastes con gran *quadrilha* / con el Rey de Portugal. (964)

Por amor a Doña Maria, o Rei abandona dias após o casamento, sua jovem esposa, Doña Blanca de Borbón. Esta se lamenta e chora. (Os romances são em geral em primeira pessoa). São quatro romances “al mismo assunto”: 967, 968, 969 e 1900. *Llora Doña Blanca el rigor con que la trata su esposo el Rey Don Pedro, atribuyendo-lo a hechizos que le dió la Padilla.*

O tema da feitiçaria volta em *Resumen de la historia de Don Pedro* (980). O Rei tem visões e recebe um aviso do céu para que não mate a sua esposa (970) mas, “*A ruego de la Padilla hace el Rey Don Pedro matar a su esposa Doña Blanca*” (romance 971 e “más dos al mismo assunto”, 972, 973). O rei morre à traição em Montiel pelas mãos do bastardo D. Enrique, que vai se apoderar do trono e foi ajudado por um grande guerreiro enviado pelo Rei de França, o

célebre Bertrand Du Guesclin, Beltrán Caclin. (978) Morte esta,—diz em notas Duran, comentando o romance de Quevedo que também a ela se refere—, muito chorada pelo povo, que, ao contrário dos Grandes Senhores ambiciosos e revoltosos muito amou seu rei (1640). O mesmo sentimento de luta percorre o belo romance 979, atribuído a Gôngora: “*Lamentan los Reales castellanos la muerte de su Rey don Pedro, y los traidores partidarios del bastardo Don Enrique la celebran*”.

Transcrevo alguns trechos desses romances:

Romance 980:

...
El Cruel Pedro llamado
Caso-se con Doña Blanca
Fuese para Montalván
Que alli es barraganado
Con Doña Maria de Padilla
Que lo tiene enhechizado
Fue enhechizado esta suerte
La Reina al Rey habia dado
Una cinta mucho rica
De oro Muy bien labrado
Con perlas pedras preciosas

...
Ceñiala el rey Don Pedro
con placer, de muy buen grado
Porque se la dió la Reina
Que del era muy amado
Doña Maria de Padilla
La cinta hubiera en su mano
Dió la en poder de un judio
Que era magico e sabio
Puso el ella tales cosas
Que al rey mucho han espantado
Culebra le ha semejado.

Enganaram o Rei, dizendo-lhe que fora a rainha que queria matá-lo:

Mucho la desama el Rey
Luego della se ha apartado.

Romance 971:

A ruego de la Padilla hace el Rey matar a su esposa:

Non contente el rey don Pedro
de tener aprisionada
a Doña Blanca en Sidonia,
Sin razón ni justa causa
A petición de Padilla
Bella tigre de la Hircania
.....
Empero el Rey permite
A pesar de Castilla
Muera su mujer propia
Por dar gusto a Padilla.

Ocorre a pergunta: qual a relação desses *romances* com a *História*? Diz Duran que “romances históricos importam muito para o estudo da história particular, literária, política.” Muitos deles teriam servido como comprovante das Crônicas, ao passo que outros emprestaram seu assunto às Crônicas, que foram o modelo do poeta. De um modo geral, diz ainda Duran, “os romances conservaram os feitos, as tradições, as crenças das massas populares... transmitem, mais do que as Crônicas oficiais, o caráter moral e social do povo.”¹⁴

Consultado, o colega Fernando Novais confirmou a existência da amante de D. Pedro. Recorri a uma *História da Espanha*, para completar a informação.

Poucos reis, afirma o historiador Ballesteros, foram objeto de tão apaixonadas controvérsias. Ainda seduz a figura daquele rei alto, branco e louro, de fala ciciante, caçador, homem de guerra, de pouco dormir e leviano nos costumes. Uns o reputam um acabado modelo de crueldades, outros o pintam como soberano de bons propósitos, cujo governo foi conturbado pela ambição dos bastardos, autor das *Cortes de Valladolid* (1351), do *Ordenamiento de menestrales*. A lenda o descreve simpático e democrata; a história, pelo único cronista que detalha seu reinado (o chanceler Ayala), o apresenta como um tirano sangüinário. É absurdo julgar Don Pedro fora de sua época, quando reis seus contemporâneos... não foram modelo de temperança. Entre esses reis, inclui-se D. Pedro I de Portugal, (o de Inês de Castro), de idiossincrasia muito semelhante à de D. Pedro de Castilla, que ajudou o rei português a prender os assassinos de Inês. É lembrar *Os Lusíadas* no Canto III e XXXVI:

14. DURAN, Don Agustín. (Org). *Romancero General o colección de romances castellanos* (anteriores al siglo XVIII). Madrid: Atlas, 1945. vol. I, p. XXVI.

... os fugidos homicidas/ Do outro Pedro cruíssimo os alcança/ Que ambos imigos das humanas vidas/ O concerto fizeram duro e injusto.

Em suas notas Duran pende para uma visão positiva do rei. E o mesmo se pode dizer do grande estudioso Menéndez Pidal: “Es bien chocante que todos los romances sean hostiles a Don Pedro.”¹⁵

Notam-se as duas vertentes nos *romances*. A moralizadora, ponto de vista do cronista oficial, que ressalta a crueldade do Rey e a atribui a influência de uma “mala mujer”, que tem partes com a feitiçaria, e, tal Salomé, recebe num prato a cabeça de D. Fardique, morto a seu mando, e conversa com ele, exprimindo seu espírito vindicativo, como se fosse vivo. É a linha mais próxima de uma visão popular, positiva, do rei e de sua amante.

Resulta dessa dupla vertente uma dupla e oposta visão de mulher. De um lado, a esposa legítima, cujo nome, predestinado, se presta a muitos jogos metafóricos dos poetas; tem aquela “virgindade e castidade que povoam o Paraíso”.¹⁶ Seu corpo, intocado, “el Rey no me ha conocido, con las virgines me voy”, aproxima-a da única mulher que, na época, se pode venerar sem medo, Virgem Maria. Mas o rei, figura odiada pela história oficial, prefere a “mala mujer”, a oposição radical a Dona Blanca. Note-se que o pai de D. Pedro fizera o mesmo e foram seus bastardos a origem de todas as confusões do reino do Cruel. E, no entanto, o romancero, a memória poética, só evoca Doña Maria de Padilla. O concubinato não seria um crime, mas a beleza sim? perigosa e enfeitiçadora? daí a vê-la como feiticeira... Ao contrário da casta Doña Blanca, a Padilla., Maria embora, parece, para quase todos os poetas do Romancero, encarnar a mulher tal como foi vista e temida no início dos tempos modernos. Visão esta, aliás, que tem raízes imemoriais: “a mulher é predestinada ao Mal, tanto pelos textos bíblicos, como pela mitologia pagã, no Cristianismo deita raiz na Bíblia, nos autores pagãos e nos Pais da Igreja”.¹⁷ O sexo feminino é, por excelência, símbolo de desordem (...) a mulher é desmedida que a leva às diabólicas práticas da feitiçaria”.¹⁸ E é associada a essa desmedida, a essa desordem, à luxúria, ao Reino das Trevas, à morte, que essa “flecha de Satanaz”, essa “sentinela do Inferno”, essa mulher, enfim, vai formar, diz Delumeau, com Satan, com os judeus e os muçulmanos, uma das grandes figuras do incoercível medo que se abateu no Ocidente por volta do século XVI (“là commence une époque de terreurs croissantes...”),¹⁹ e se estenderá até o século XVIII.

Esta misoginia tem uma formulação exacerbada no célebre *Malleus Maleficarum* (circa 1486), um celeberrimo manual de caça às bruxas, obra dos dominicanos inquisidores alemães Kramer e

15. PIDAL, Ramón Menéndez. *La epopeya castellana a través de la literatura española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1974. p. 129.

16. DELUMEAU, Jean. *La peur en Occident*. Paris: Fayard, 1973. p. 407.

17. BAROJA, Julio Caro. *Les sorcières et leur monde*. Paris: Gallimard, 1972. p. 89.

18. DAVIS, Natalie Z. *Les cultures du peuple: rituels, savoirs et résistances au 16^e siècle*. Paris: Aubier Montaigne, 1979. p. 210-211.

19. MICHELET, Jules. *La socière*. Paris: Garnier, 1972. p. 158.

Sprenger, e teve trinta e quatro edições entre 1486 e 1669. Neste sentido parece-me interessante destacar um texto citado por Delumeau, obra de um franciscano espanhol, Alvaro Pelayo, escrita em 1330, publicada em 1474 e reeditada em 1517 e 1560. Não só por já apresentar muitos argumentos que vão se reencontrar no *Malleus*,²⁰ como por ser precisamente de origem espanhola. Um texto para o qual “certas indicações deixam entrever um auditório relativamente elevado, pelo menos no mundo dos clérigos encarregados de dirigir as consciências: destila um anti-feminismo virulento. É talvez o documento maior da hostilidade clerical em relação à mulher”.²¹ Desse *De planctus ecclesiae* cito um trecho do catálogo dos “cento e dois vícios e delitos da mulher”:

Ela atrai os homens com iscas mentirosas a fim de melhor atirá-los no abismo da sensualidade. Não há imundície à qual não a leve a sua luxúria... Fundamentalmente cortês, para melhor enganar, ela se disfarça, se pinta: ama frequentar as danças que acendem o desejo. Ela transforma o bem em mal, a natureza no seu contrário, especialmente no domínio sexual. As mulheres enfeitiçam, usam encantamentos e malefícios...²²

A demonização da “hermosa Doña Maria de Padilla”, que “tiene enhechizado” “el Cruel Pedro llamado” parece se inserir nesse contexto. Nada impede imaginar que os “diretores de consciência” tivessem, pelo trabalho possante de cristianização pelo medo, levado à elaboração da lenda, que inspirou poetas... e feiticeiras. E à construção da oposição entre a pura, como seu nome indica, alva e infeliz Doña Blanca, e a “hechizera e mala mujer” que a desgraçou. Tal retrato tanto se aplica à “mala mujer”, à “manceba falsa”, à “hermosa Doña Maria de Padilla”, como se aplicaria à setecentista Antonia Maria de Beja e do Recife; irá assentar como luva, como veremos, à Pomba-Gira.

Mas, voltando ao Romancero: aquele cinto de pedrarias metamorfoseado em serpente para matar um Rei também pode se inserir numa relação histórica costumeira.

Apesar dos numerosos processos contra as mulheres acusadas de magia—desde Don Ramiro, 943, os mágicos são condenados à fogueira—, na segunda metade da Idade Média... as feiticeiras continuam a frequentar o castelo senhorial, o palácio episcopal, o Alcazar real.²³

Afirma Keith Thomas:

20. GOULET, Jean. Un portrait des sorcières au XV^e siècle. In: ALLARD, Guy-H. et alii. *Aspects de la marginalité au Moyen Age*. Québec: l'Aurore, 1975. p. 210-211.

21. DELUMEAU, 1973. p. 414-416.

22. Este “lisongeiro” retrato vai perdurar: em 1621, ainda, “o bachelor Robert Burton escreve: da mulher, de sua inatural, insaciável luxúria (lust), que país, que aldeia não se queixa dela?” THOMAS, Keith. *Religion and the decline of magic*. Penguin, 1978. p. 679.

23. BAROJA, Julio Caro. *Les sorcières et leur monde*. Paris: Gallimard, 1972. p. 100.

Muitos casos de julgamentos de feitiçaria tinham a ver com intrigas políticas, em que as pessoas acusadas teriam praticado feitiçaria para matar seus rivais políticos ou conseguir favores dos poderosos.²⁴

24. THOMAS, Keith. *Religion and the decline of magic*. p. 527-528.

Mas voltemos a Maria Padilha, à procura dos elos perdidos de uma possível trajetória, que, da corte de um rei de Castela a teria levado aos terreiros brasileiros.

No caso da migração além mar de Carlos Magno e seus Pares, a imaginação do pesquisador pode tentar reconstituir o caminhar da memória possível: a das narrativas populares, a dos Autos de Floripes e congêneres, ou seja, brinquedos de cristãos e mouros, já praticados na terra de origem, e que a catequização, provável fabricadora das “danças dramáticas”, reatualizou na colônia.

Ocorreria numa primeira etapa, uma vez assinalada sua existência na História e no Romancero, saber de suas andanças peninsulares. Antes talvez, correndo o risco do anacronismo, pelo pulo temporal, parece-me importante mencionar uma marca francesa da popularidade das duas figuras, a de D. Pedro I de Castela e a da mais forte e conhecida de suas amantes, por apontar para um indício possível. Sabe-se o quanto a Espanha foi um lugar privilegiado na construção do pitoresco associado ao romantismo francês. E entre tantas inspirações espanholas, já Vitor Hugo, numa lista que deixou por volta de 1829 de “dramas que j’ai à faire”, projeta um *L’enfance de Pierre le Cruel*.²⁵

25. UBERSFELD, Anne. *Le roi et le buffon: étude sur le théâtre de Hugo*. Paris: Corti, 1974. p. 33.

Mas é principalmente com Prosper Mérimée que essas figuras adquirem destaque. Aconselhado pela condessa de Montijo (mãe da futura Imperatriz Eugenia), sua amiga desde o tempo em que viajava pela Espanha, e lhe contará muitas lendas e histórias espanholas, Mérimée começa, em 1843, a escrever uma *Histoire de don Pèdre Ier*, publicada pela *Revue des Deux Mondes* a partir de dezembro de 1847. A preocupação em destrinchar verdade e lenda na vida do rei é também objeto de muitas de suas cartas. Mas vamos principalmente encontrar D. “Pèdre” e doña Maria de Padilha na sua muito célebre e popularizada novela, *Carmen*. A lembrança do rei está associada à rua de Sevilha onde se situa a casa em que don José e Carmen terão o primeiro encontro: “a rua do Candilejo, onde há uma cabeça do rei dom Pedro o justiceiro”. E, numa longa nota, o próprio Mérimée refere a tradição popular e a versão que encontrou, diz ele, nos *Anais de Sevilha* de Zuñiga que explicam a origem dessa estátua: “o rei dom Pedro que nós nomeamos o Cruel, e que a rainha Isabel a Católica só chamava o Justiceiro, amava passear à noite pelas ruas de Sevilha, buscando aventuras, tal qual o califa Harouùn-al-Raschid”, etc. etc.

(ver p. 377 nota e edição Parturier). Mas é particularmente interessante a referência a Maria Padilha, pois nos remete ao tema da feitiçaria.

Transcrevo o trecho da novela e a nota de Mérimée. Don José vai procurar Carmen, decidido a matá-la. Encontra-a no quarto: “ela desfizera a bainha do vestido para retirar-lhe o chumbo. Estava agora diante de uma mesa, olhando dentro de um alguidar cheio d’água o chumbo que fizera derreter e havia jogado dentro da água. Estava tão entretida com sua magia que nem percebeu que eu regressara. Ora ela pegava num pedaço de chumbo, revirando-o de todos os lados, ora cantava algumas daquelas canções mágicas onde evocavam Maria Padilha, a amante de don Pedro, que foi, dizem, a *Bari Crallisa*, ou a grande rainha dos ciganos.” Reza a nota de Mérimée: “Acusaram Maria Padilha de haver enfeitado o rei don Pedro. Uma tradição popular conta que ela presenteara a rainha Branca de Bourbon com um cinto de ouro que apareceu aos olhos fascinados do rei como uma serpente viva. Daí a repugnância que ele sempre demonstrou pela infeliz princesa.”²⁶

Reencontramos aqui ecos do que lemos no Romancero. Mas o próprio Mérimée, na sua *Historia de don Pedro* contesta essa origem cigana da Padilha, apoiado nas informações colhidas na sua leitura de base, a obra do inglês George Borrow, *The Zincahi*, Londres, 1841. Neste livro—diz Parturier, o especialista responsável pela edição de Mérimée que utilizo—, encontra-se a transcrição da canção mágica de Carmen. O mesmo Parturier cita em nota a opinião de Angus Fraser, que pesquisou os “gypsies” e escreveu sobre “Mérimée and the Gypsies”, segundo o qual “a Maria Padilha citada nessa canção cigana é sem dúvida Maria Pacheco, viúva de Juan de Padilha.” É óbvio que prefiro ficar com a versão de Mérimée... Ele escreve na sua *Histoire...*: “O enfeitamento de don Pèdre pela Padilla constitui tradição popular na Andaluzia, onde um e outro deixaram fortes lembranças. Acrescenta-se que Maria de Padilla fora uma rainha dos gitanos, a sua *bari crallisa*, por conseguinte, hábil na preparação de filtros. Infelizmente os gitanos só apareceram na Europa um século mais tarde. O autor da *Primeira vida do Papa Inocencio VI* narra gravemente que Branca, tendo presenteado seu esposo com um cinto de couro, Maria de Padilla, ajudado por um judeu, notável feiticeiro, transformou esse cinto em serpente, um dia em que o rei o estava usando. Pode-se facilmente imaginar a surpresa do príncipe e de toda a corte, quando o cinto começou a se agitar e a sibilar, no que foi fácil à Padilla convencer seu amante de que Branca era uma bruxa que queria fazê-lo perecer por artes de feitiçaria.”²⁷ Reencontramos aqui a versão do Romancero. E encontramos também uma pista possível nas pegadas das metamorfoses de doña Maria de Padilla. A mesma

26. MERIMÉE, Prosper. *Romans et nouvelles*. Paris: Maurice Parturier, 1967. p. 400.

27. BALUZE. *História dos papas de Avignon*. I. p. 224. AYALA, p. 95.

que segue Mérimée, o contador de histórias de paixão e morte, opondo-se ao Mérimée historiador que sabe das datas. O contista incorpora sem dúvida a versão da Maria Padilla rainha dos gitanos pela analogia entre a visão popular da amante do rei dada a bruxarias e do tradicional acoplamento cigano/feiticeira, e, por extensão, filha do diabo. A Carmen que canta para Paria Padilla tem uma “beauté étrange et sauvage, une figure qui étonnait d’abord, mais qu’on ne pouvait oublier. Ses yeux surtout avaient une expression à la foi voluptueuse et farouche que je n’ai trouvé depuis à aucun regard humain.” (p. 360). Inumano olhar, “oeil de bohémien, oeil de loup”, “une bohémienne, une sorcière, une servante du diable, une fille du diable”, assim se caracteriza aquela que haverá de levar o nobre Don José à perdição.

Este indício cigano já demandaria uma pesquisa em território espanhol. E representa uma pista a ser incluída no itinerário de quem quisesse se atirar em toda a extensão da aventura, para acompanhar as metamorfoses de Maria Padilla. Haveria que poder procurar os elos entre a História e a construção da representação simbólica que associou a Padilla aos rituais mágicos gitanos e a transformou na Bari Crallisa. Pesquisa evidentemente complementar de outra interrogação: como o imaginário da feitiçaria (que já está embutido dentro da tradição poética do Romancero) acabou assimilando a “hermosa doña Maria, manos blancas e ojos negros” a um dos grandes diabos das invocações demoníacas, tal como a encontramos, por exemplo, nos conjuros das feitiçarias portuguesas, citados por Laura de Mello e Souza? Havia evidentemente que procurar esses conjuros primeiramente na Espanha. E articular essa busca com a pergunta que Mérimée obriga a formular: qual seria a parte da mediação gitana, na assimilação e difusão do que acabou se tornando mito para uns, esconjuro para outros? Seria um nunca acabar de pesquisas, que, evidentemente, nem podia sonhar em pretender afrontar.

Pois vai aqui um enxerto de última hora... Nova retomada do texto. Porque Dona Padilha, a Pomba Gira, justo no dia de seu aniversário (2-11-90) deu-me um presente, por intermédio da colega e amiga, Mestra em assuntos da Inquisição, Anita Novinsky. Na seqüência de uma conversa cigani, emprestou-me um livro, melhor dizendo, o livro. Porque nele encontrei outras verdades muito extraordinárias que nem tentava procurar. De Maria Helena Sánchez Ortega, *La Inquisición y los gitanos* (Madrid: 1988.). Nele eu haveria de reencontrar, largamente citado, na edição espanhola de 1979, aquele que já fora o livro base para Mérimée, *The zingali*, de George Borrow, don *Jorgito el inglés*, como era conhecido na Espanha. Não reencontraria referências explícitas àquela realeza “bohémienne”, a

Bari Crallisa associada à Padilla, evocada em *Carmen*, a partir do autor inglês, mas sim outro conjuro em língua gitana, ligado a um feitiço com a pedra de imã, o amuleto *bar lachi*, também transcrito por Borrow:

Y que se lo diñelo a lar bar lachi (...)
Y'laver se lo deñelo a Padilla romi (...)
(p. 262) (romi = esposa)

A associação cigana-Padilla—que Ortega também aproxima da amante real (à p. 186)—, poderia, pergunto eu, ter sido uma elaboração regional, já que “no tempo em que doña Maria de Padilla andava sobre a terra”, ela circulava precisamente pela Andalucía fuera el *hogar gitano* por excelência.” (Ortega, p. 49). E o acoplamento cigana-feiticeira associado à lenda que corria em torno da real amante, feiticeira porque sedutora, parece que se encaixava bem no que Ortega chama “o clichê da gitana andaluza”, clichê esse que “Borrow contribuiu para construir e divulgar na Europa”. (p. 300). O interessante é perceber, graças à citação de Borrow, o quanto a caracterização da personagem Carmen está próxima desse que Ortega considera um clichê: “(a gitana de Sevilla) (...) es de mediana estatura, (...) cada movimiento suyo denota agilidad (...). No hay en Sevilla ojos femeninos que puedan sostener su mirada, tan aguda y penetrante al mismo tiempo que cautelosa y taimada es la expresión de sus orbes negros, la boca hermosa y casi delicada y no hay reina en el trono más soberbio que exista entre Madrid y Moscú que no envidie las dos hileras de blanquíssimos dientes que la adornan.”

Mas, principalmente, o que encontrei no riquíssimo livro de Ortega foi a versão espanhola, matricial, sem dúvida, do conjuro infernal de Maria Padilla, aquele que me havia atraído para estes enredados caminhos. Nestas orações aparece trinca infernal:

por la muger de Satanás
por la muger de Barrabás
por la muger de Berzebú.

E, finalmente, quem encontramos, incluída dentro do mesmo universo demonial?

Por Barrabás, por Satanás y Lúçifer
por doña Maria de Padilla
y toda su cuadrilla.

Pois vamos encontrar de modo geral os mesmos esconjuros, e, de modo particular, o esconjuro de Maria Padilla, no mesmo contexto de magia amatória, na boca das feiticeiras gitanas condenadas pela Inquisição, cujos processos Ortega examina. Na boca da “gitana celestina”, de grande reputação, Adriana, por exemplo: “Así como esto yerbe, yerbe el corazón de Blas, en el nombre de Satanás y de Barrabás y del diablo Cojuelo (...) y de Doña Maria de Padilla y toda su cuadrilla (...)” (p. 311).

Na verdade, diz a pesquisadora Maria Helena Ortega, o “fundo hechiceril” é comum a toda a Espanha, o que denota, diz ela, uma real “limitação imaginativa”. Caracteriza-o a mistura, a influência da religião oficial nos conjuros: é grande entre os séculos XVI e XVIII a “contaminação entre esse mundo religioso oficial em que a feiticeira é imersa no seu cotidiano e o mundo mágico”. (p. 124-129). E como o amor é sempre a grande preocupação, parece que as feiticeiras não sentem necessidade de renovar práticas seculares; de mais a mais, “o repertório é comum por causa da transmissão oral e da mobilidade de suas protagonistas entre as diferentes áreas do país. Por isso mesmo não sofrem grandes transformações, entre os séculos XVI e XVIII”. (p. 123). Será também o motivo pelo qual os mesmos conjuros penetraram e circularam em Portugal. A este propósito é interessante registrar uma observação do pesquisador Robert Rowland que me foi gentilmente comunicada por Laura de Mello e Souza. Há, diz ele, no Tribunal de Toledo, transcrições de duas sentenças envolvendo bruxas que usavam o conjuro de Maria Padilha. Estas transcrições devem se basear num documento avulso existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e denominado processo, apesar de não sê-lo, com o número 17.860. As bruxas seriam portuguesas e não se compreende o que parecem ser ligações misteriosas entre o registro de Toledo e o possível processo lisboeta.

E com isto, volto ao rumo primeiro, no momento em que pretendia chegar a Portugal. Para isto, eu pensava, a partir de magros indícios, possíveis evidências, cacos que afloram num vasto e subterrâneo território— os escuros—tentar contribuir para aquele sonhado, utópico, amplo, transcontinental romance de detetive a que acima me referi.

E começaria abordando o veio da tradição poética. Sabe-se que a primeira grande compilação impressa de “romances viejos” foi empreendida pelo impressor Martín Nucio, de “Amberes”, aproximadamente em 1547, uma empresa comercial para divertir as guardiões espanholas de Flandres. (Rodríguez-Moñino, 1967). O impressor viajou pela Espanha, recolhendo velhos cadernos de “pliegos sueltos” e recitações de iletrados, como explica na sua introdução. Foram cento e cinquenta e cinco peças, e, entre elas, um romance

do ciclo de D. Pedro o Cruel: *Romance de Don Fadrique, maestro de Santiago y de como lo mando matar el rey Don Pedro su hermano.*

Em 1550, Martin Nucio publica uma nova edição, sempre com um prólogo explicativo: *Cancionero de romances en que estan recopilados la mayor parte de los romances castellanos, que hasta agora se han compuesto. Nuovamente corregido, emendado, y añadido en muchas partes. En Anvers, en casa de Martin Nucio, a la enseña de las dos Cigueñas, M.D.L.V.*

Nessa edição, são eliminados alguns poucos romances e acrescentados trinta novos. Entre estes, o romance *De la muerte de la Reyna Blanca*, que sai impresso na sequência da morte de Don Fadrique. Trata-se de anônimo do nº 973 de Duran que começa:

Doña Maria de Padilla/ n'os me mostraya triste vos.

Um belo romance, com três vozes narrativas: a do rey que tranqüiliza Doña Maria e obedece a seu pedido, dirigindo-se a um escudeiro para que vá matar a Rainha; voz dos escudeiros, o primeiro, que recusa a missão, o segundo que a executa; voz e lamentação da jovem Rainha:

Hoy cumplo deciseis años/ En los cuales muero yo
El Rey no me ha conocido/ Con las virgenes me voy.

Note-se que são dois romances que se situam no que se pode considerar a vertente negativa a Doña Maria. É lembrar que o primeiro romance, acima transcrito, é o que evoca o tema de Salomé (a cabeça cortada de D. Fadrique apresentada num prato a Doña Maria de Padilla, que com ela dialoga); e o segundo opõe o desejo sangüinário da Padilha (lhe é prometido um pendão de sangue pelo Rey) à doçura da virgem Doña Blanca que até perdoa o carrasco: “Doña Maria de Padilla/ esto te perdono yo.”

Ora, entre as três reimpressões dessa edição de Martin Nucio de Anvers, de 1550, uma delas foi feita em Lisboa, em 1581:

Cancionero de romances. En que estan recopiladas a (sic) mayor parte de los romances castellanos... Impreso en licencia del Supremo Consejo. En Lisboa, en casa de Manuel de Lyra, M.D.L.X.X.X.I.

Esta edição, diz o autor do substancioso estudo sobre o *Cancionero de Anvers*, Antonio Rodriguez-Moñigo, de quem tiro estas informações, corresponde ao de 1550, com a única variante de suprimir os dois últimos romances: *Llanto haze el rey David* e *Con ravia esta el rey David*. Intervenção da Inquisição. Prova da intervenção da Santa Madre até na poesia, e, sem dúvida, na inspiração dos poetas.

Temos portanto a prova da existência em Portugal de dois romances do ciclo de D. Pedro em 1581, dois poemas que não são particularmente favoráveis a Dona Maria de Padilha.

Ignoro como circularam na tradição oral ou no cordel português. Só pude consultar o *Cancioneiro Geral* de Teófilo Braga, e, salvo erro, não encontrei a menor ocorrência do ciclo, nem esses dois. Na mesma ocasião examinei praticamente todas as coletâneas dos romances ou xácaras recolhidos no Brasil, aquelas de que tenho conhecimento, também, salvo erro, nada encontrei de Maria Padilha que deixasse uma marca da transmissão de uma memória poética de sua história.

Quanto à vertente de uma transmissão pela memória da feitiçaria que, no Brasil, permite subir tão longe em Portugal (lembro as orações de catimbós recolhidas por Mário de Andrade), procurei uma menção no belo livro do historiador português Francisco Bethencourt (1987). Nele encontrei três referências a uma Maria Rodrigues Padilha: uma vez, como recorrendo a uma famosa feiticeira, Brites Marques, para recuperar um amante²⁸; outra vez, ela leva “quatro andorinhas numa panela nova muito cerrada” a uma freira, que, parece-me, é ela própria feiticeira²⁹; e, finalmente, seu nome figura, sem atribuições, no quadro que faz o autor da rede das feiticeiras de Évora. (Lembrete: nas livrarias especializadas encontra-se, e, pelo número de edições, era muito procurado, *O livro das bruxas, ou, A Feiticeira de Évora*). O que me pareceu mais interessante foi constatar que nas invocações demoníacas transcritas pelo autor não encontrei menção a Maria Padilha. Encontram-se sistematicamente o apelo aos três demônios, o terceiro podendo variar, sendo a fórmula mais corrente a que Laura de Mello e Souza cita, no caso das feiticeiras no Brasil: “eu tescoconjuro com Satanás e com Barrabás e com Cayfás e com Lúcifer e sua mulher. (p. 39), freqüentemente invocada na seqüência é “a may de Sam Pedro que hé a mior diabo que no inferno está”. (p. 39, 71). Esta é freqüentemente chamada pelo nome, Marta. (Veja-se a oração da cabra preta brasileira: há Marta e há *Ferrabráz*).

Ocorre perguntar: será que naquela época, o século XVI—os processos são em geral da década de 50—ainda não estaria cristalizada a associação Maria Padilha/feiticeira demoníaca? As invocações demoníacas das feiticeiras citadas por Laura, a de Lisboa, Domingas Maria, a de Beja/Angola/Recife já são do princípio do século 18. Haveria que pesquisar esse caminhar do endemoniamento de Maria Padilha em Portugal, já em marcha nos romances que lá circulam no século XVI (Lembro que as datas históricas são entre 1350 e 1369).

As orações de Antonia Maria parecem situá-la no topo da hierarquia demonial. Ela se segue à tríade consagrada que já vem

28. BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feitiçaria, saladores e nigromantes no século XVI*. v. 1. Lisboa: Projeto Universidade Aberta/Esusp. 1987. p. 94.

29. *Ibidem*. p. 94.

desde o século XVI. Maria Padilha e toda sua quadrilha parece ocupar estruturalmente a posição atribuída à mulher de Lúcifer em outras invocações daquela época. Grande diaba, portanto.

E agora, o salto.

Na família da Pomba Gira
Só se mete quem puder
Ela e Maria Padilha
São mulher de Lucifer.

Retoma-se o leit-motif deste texto: quando, como, onde, por que?

Não saberia responder. Como se verá, o que se observa é o que parece ser a longa memória—a “longue durée”—daqueles traços constitutivos da dama espanhola, tais como a memória poética os delineou. Da “hermosa e hechizera Doña Maria de Padilha” à Pomba Gira específica que recebe um nome idêntico ao seu, parece ter havido mais do que coincidências, são fortes as semelhanças, comuns, os atributos.

Tentando não me dispersar, sempre focalizando meu interesse em Maria Padilha, mas obrigada a saber um pouco de Umbanda / Quimbanda, de Exu, li alguns poucos livros: teses universitárias de “brancos”, literatura umbandista oficial, e, finalmente, notas esparsas para um trabalho futuro de uma colega e aluna, Raimunda Batista, da Univ. de Londrina, a qual também contribuiu para aumentar minha biblioteca umbandista, e cuja preciosa colaboração agradeço. Também conversei muito com algumas pessoas que recebem ou consultam Pomba Gira. Fui assistir à festa de aniversário de Maria Padilha de minha amiga Beth de Oxum, o ritual “oficial” e a festa “festiva” que se lhe segue.

Procuro, a partir dessas diferentes fontes de informação, esboçar, apenas, a figura complexa, fugidia, contraditória, múltipla dessa fascinante e fascinadora entidade.

Começo, interrogando alguns dos livros da vasta produção dos intelectuais da umbanda. Aqueles que procuram organizar racionalmente um saber, a partir de suas leituras e conhecimentos, aliados às suas práticas, uma vez que são em geral ligados a um centro de culto. Representam uma entrada num cada vez maior mercado editorial: é só observar a grande quantidade de títulos e de renovadas edições nas cada vez mais abundantes e concorridas lojas que negociam todos os artigos de umbanda. Pode-se pensar que muito cliente seja até analfabeto, mas não esquecer o poder que dá a posse do próprio objeto livro, do livro de magia, principalmente.³⁰ Lembrando o nigromante do *Orlando Furioso*, que cavalga seu hipógrifo:

30. Ver FABRE, Daniel. *Le livre et sa magie*. In: CHARTIER, Roger. (ed.) *Pratiques de la lecture*.

Paris: Rivages, 1985. p. 182-206.

De la sinistra sol lo scudo avea,
tutto coperto di sela vermiglia:
ne la man destra un libro, onde facea
nascere, leggendo, l'alta meraviglia.
(Canto IV, 17).

Mas lembro também a advertência da própria Maria Padilha dos Sete Cruzeiros, num “capítulo psicografado”:

Dizer que os livros contam tudo, não é possível, pois a vibração temível está nos nomes das pessoas. Se a força do Filho que lê é grande, então sim, consegue atrair trabalho em minha falange, com Maria Mulambo e Rainha das Sete Sepulturas Rasas, etc.. Como vê, depende do trabalho.³²

31. MOLINA, N. A. *Saravá Maria Padilha*. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, s/d. p. 28.

E esta conclusão:

Mais vale ter um livro na mão do que nada, na hora do aperto.³²

32. MOLINA, N. A. loc. cit.

São os próprios teóricos umbandistas que permitem lançar uma ponte entre a Pomba Gira e as feiticeiras européias: liga-as a sua comum filiação demoníaca. No mais das vezes, precedendo receituários e preceitos, nos livros consagrados a essa entidade—na sua dúplici vertente, a feminina Pomba Gira, a masculina Exu—vêm elaboradas redes de correspondências e organogramas, o que integra a relação demoníaca do *Povo* de Exu no universo da tradição européia, Bíblica, cristã e cabalística. No topo da hierarquia, o Maioral (o Diabo, Satanás, Capeta, Demônio, etc.) preside à legião dos anjos decaídos, Lúcifer, Belzebuth, Aschataroth, e Omulu e Hael (Exu da Meia Noite), Proculo (Exu Tata Caveira), Exu Marabô, Tranca-Rua, Tiriri, etc. etc. etc. Legiões, linhas, falanges, nomes se entrecruzam, se equivalem, diferem às vezes de um livro a outro, mas sempre regidos pelo Demônio supremo. Um Demônio bem europeu, a acreditarmos em Câmara Cascudo, sancionado por Edison Carneiro: há “ausência do Diabo africano”, afirma e demonstra o grande folclorista brasileiro.³³

33. CASCUDO, Luis da Câmara. *Made in Africa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 105-112.

Pareceu-me razoável para tentar desbastar o que, para o leigo, se apresenta como um cipoal de correspondências, ir acompanhando de perto um livro que tenta estabelecer um corpo teórico mais desenvolvido sobre a Pomba Gira e acentua sua articulação demoníaca e sua relação com o velho sabbat europeu. Refiro-me à Pomba Gira (Mirongueira). *Mironga*, “segredo ou mistério, cobrindo aspectos da umbanda que escapam à compreensão racional, é o novo sentido de

milonga, no Rio de Janeiro... *Milonga*, linguajar dos escravos, do quimbundo, que quer dizer conversa inútil, palavreado, embromação.”³⁴

34. *Ibidem*, p. 182-184.

Autor do livro em questão: o Tata e Professor José Ribeiro, nome respeitado entre o Povo do Santo, baiano, filho de Mãe Kilu, do antigo candomblé do Engenho Velho, lá feito no Santo aos quinze anos, estudou em Coimbra, esteve na África, ensina sudanês, é compositor, cantor, radialista, autor de muitos livros sobre umbanda e candomblé, Zé de Kilu é filho de Iansã e Pai de Santo no terreiro de Iansã Egun-Nitá, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Parece-me razoável acompanhar este livro por ser, creio eu, representativo do gênero; não só por sua tentativa de articulação com matrizes européias, como por uma certa desordem, amálgamas, acumulação de citações, contradição na apresentação dos dados, bastante comum a esta literatura umbandista. Isto parece refletir o que é, na verdade, a dificuldade em enquadrar em moldes rígidos uma religião dinâmica, em constante mudança, onde cada terreiro tem efetiva autonomia no ritual. Tanto esta, quanto a literatura acadêmica propriamente dita, propõem-se uma meta científica, nem sempre compatível com o objeto, fugaz porque dinâmico, rebelde à fixidez da apreensão sistemática. É o que torna aliás tão difícil e insatisfatório para o leigo interessado o acesso meramente livresco a um culto vivo, em contínua invenção e reelaboração como é a Umbanda. Onde há tantos não ditos, e tantos ditos... conforme a cara do freguês.

A apresentação define o alvo do livro: “inserir as mais diferentes modalidades da Magia, todas dirigidas e calcadas no orixá Pomba Gira, em outros termos, ASMODEUS”. (p. 12).

Proponho-me destacar os capítulos mais diretamente ligados a esse “orixá”, introduzindo alguns comentários.

A Pomba Gira só entra em cena no capítulo IX: Pacto com o demônio. Invocando a autoridade do *Malleus Maleficarum* (e ligada à associação erudita dos sete demônios e dos sete pecados capitais, ver Bethencourt, 1987, p. 151-152), onde o autor descreve a hierarquia dos Demônios. Na primeira hierarquia, no topo, vem “Belzebuth, Príncipe dos Serafins Maléficos e o mais próximo de Lúcifer e Leviatã”. Logo abaixo, Asmodeus (Pomba Gira), “subordinado à ordem dos Serafins Maléficos. É o demônio da luxúria e dos desejos sexuais. Seu adversário: São João Batista”. (p. 39).

No jogo das associações, lembro o Romance de Don Fardique, onde se encontra o tema de Salomé, recebendo num prato a cabeça de São João Batista:

(...)

La cabeza le han cortado

A Doña Maria de Padilla
En un plato la han enviado (...)

E Doña Maria conversa com a cabeça, como “se vivo fuera”. Pode-se lembrar também que o dia de S. João, 24 de junho está associado à bruxaria...

Capítulo X: O Sabbat. Talvez convenha, a propósito do sabbat, citar Laura de Mello e Souza, antes de dar a palavra a Ribeiro. “Não ocorre, na feitiçaria colonial, menção aos famosos sabbats, tão comuns na Europa. Em Lisboa, entretanto, três escravos—um deles brasileiro, e os outros dois com passagens pelo Brasil—afirmaram ter estado em reunião que, de certa forma, pode ser considerada como sabática. Se tantas práticas de raízes européias persistiram no Brasil colonial (...) por que não sabbat?”.³⁵ Mas pode-se perguntar também se não se tivessem denominado com a etiqueta mais reconhecível de sabbat, rituais antes ligados às práticas mágicas africanas? De qualquer forma, o autor de *Pomba Gira Mirongueira*, na sua forma amalgamada, utilizou fotes eruditas diversas, escalonadas mais ou menos cronologicamente. E opõe um “antigamente” a um hoje: “hoje, o ritual ficou mais simples, e o que se busca é o controle direto com Satanaz”. (Este hoje deve se referir a certas fortes “giras de Exu”, praticadas em muitos terreiros).

Capítulo XII O Satanismo e XIII: A Missa Negra.

Reconheci nestes dois capítulos uma transcrição literal, sem indicação de fonte, de dois textos com o mesmo título encontrados no livro de João do Rio, *As Religiões do Rio*. A mistura do referencial cultural das magias também me faz lembrar uma observação do mesmo João do Rio: “(...) o que não sabem os que sustentam os feitiçeiros (o babalorixá), é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o Livro de S. Cipriano”. É o caso aliás da oração acima, que se encontra na segunda parte do *Antigo e verdadeiro Livro de S. Cipriano*.³⁶ Diga-se também, e é o ponto comum a todos os livros umbandistas e outros do gênero, todo o receituário, quer de magia negra, quer de feitiçaria erótica, parece integralmente ligado à feitiçaria européia, de que Mello e Souza e Bethencourt dão fartos exemplos.

Este encontro com João do Rio leva-me a uma digressão. Ele, com efeito, distinguiu no Rio de Janeiro, dois grandes grupos de crenças africanas: a dos *nagô* e a dos *alufás*.³⁷ Este último era o dos negros islamizados. Estes, principais atores da revolta escrava da Bahia de 1835, conhecida pelo nome que os designava genericamente, os Malês, se tinham espalhado por todo o território brasileiro, provindo de diferentes etnias.³⁸ E fico me interrogando sobre um possível diálogo cultural que, nem Ribeiro, nem outros teóricos umbandistas parecem ter entabulado. Aquele que remeteria a essa antiga

35. MELLO E SOUZA, 1987. p. 258.

36. TAVARES, Possidônio. *O antigo e verdadeiro livro de São Cipriano*. (com um Oráculo de 50 segredos úteis). Rio de Janeiro: Eco. s/d. p. 94.

37. RIO, João do. (BARRETO, Paulo). *As religiões do Rio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905. p. 2.

38. BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. V. I. São Paulo: Pioneira/Esup, 1971. I, p. 203-218; REIS, João José.

presença religiosa afro-brasileira: a malê e sua cultura diferenciada, muito apoiada no Alcorão. É interessante, a respeito, lembrar o testemunho do conde de Gobineau, embaixador francês no Rio em 1869:

A maioria desses Minas (...) são cristãos externamente e muçulmanos de fato (...) Pude constatar que devem guardar bem fielmente e transmitir com grande zelo as opiniões trazidas da África, pois que estudam o árabe de modo bastante completo, para compreender o Alcorão (...). Este livro se vende no Rio nos livreiros franceses, que mandam vir exemplares da Europa (...). Os escravos, evidentemente muito pobres, mostram-se dispostos aos maiores sacrifícios para possuir esse volume. Contraem dívidas para esse fim e levam algumas vezes um ano para pagar o comerciante. O número de Alcorões vendidos anualmente eleva-se a mais ou menos uma centena de exemplares.³⁹

Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês, 1835. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

39. BASTIDE, p. 205.

O excelente historiador da revolta malê, J.J. Reis, desenvolve muito essa questão da formação corâmica, e sua ligação com a magia, que é o que me interessa aqui, e apela para o possível diálogo. “Não deixa de impressionar como a experiência da leitura e da escritura interessava a escravos e libertos, que sempre arranjavam tempo para se dedicar a elas (...) Os malês da Bahia se reuniam para orar, aprender a ler e escrever o árabe, decorar versos do Alcorão (...)” Seus mestres eram “pessoas bem instruídas no idioma do Alcorão, pessoas que deixaram a marca da sua caligrafia perfeita e gramática limpa”, como decorre do material confiscado pela polícia. Entre este, pranchetas de madeira, onde se escreviam orações e passagens do Alcorão com uma tinta de poderes mágicos, que podia “apagar” as palavras.⁴⁰

40. REIS, 1987. p. 127-128.

Eram amplos esses poderes mágicos dos malês, sendo muito populares os seus amuletos, confeccionados pelos letrados. Eram pedaços de papel cuidadosamente dobrados, segundo um ritual igualmente mágico, onde estavam escritos orações e trechos do Alcorão e desenhos islâmicos. Estas dobraduras, e mais outros ingredientes eram costurados dentro de uma bolsa de couro, chamados tiras ou tiás pelos nagôs, ou seja os patuás, ou bolsas de mandinga, esta “especialidade colonial”, no dizer de Laura de Mello e Souza.⁴¹ Esses amuletos eram na Bahia “objeto de uso obrigatório de muçulmanos e não muçulmanos, indistintamente, devido à reputação de possuírem forte poder protetor e funcionou como um incrível veículo de propaganda islâmica na Bahia”.⁴² “A magia dos textos e desenhos islâmicos servia a uma variedade de fins protetores. Além da proteção contra os agentes do mal, os amuletos ajudavam seus donos a controlar os astrais incertos dos mundos dos espíritos. Com a introdução do Islã,

41. MELO E SOUZA, 1987. p. 210.

42. REIS, 1987. p. 118-119.

43. RIO, 1905. p. 7.

certos desses espíritos, os *iskoki* em haussá, e *alijano* em iorubá, separaram-se em forças do bem e forças do mal, passando a se confundirem com os *djinn* muçulmanos. “Os *alufás*”, diz João do Rio, “usam do *aligenum*, espírito diabólico, chamado para o bem e o mal”.⁴³ Mas os poderes malês eram reputados mais amplos do que simples contra feitiços. Tanto no Rio, como na Bahia, os Malês eram considerados mestres da magia negra, dizem todos os estudiosos. Artur Ramos, estudando a macumba no Rio de Janeiro, dentre as “linhas de espíritos” destaca a linha de Mussurumim: “como a magia dos Malês era considerada particularmente eficiente, singularmente perigosa, esta linha compõe-se de espíritos perversos que descem à terra para praticar atos de vingança. Evocam-se, traçando no solo círculos de pólvora em que se põe fogo e no centro dos quais, cigarros, bebidas, etc.”⁴⁴

44. BASTIDE, 1971. p. 215-216.

Não faltam, pois, creio eu, os elementos do diálogo cultural, e pode-se imaginar contatos reciprocamente fecundantes entre feiticeiros tradicionais, brancos ou negros, e os poderes mágicos malês. Se estas trocas são do domínio do verossímil, imaginar porém que, delas tivessem podido brotar elementos constitutivos da “charada cultural” que é a Pomba Gira, poderia parecer incompatível com o estatuto subalterno da mulher no mundo islâmico, muito embora a própria ambivalência da entidade responda à ambigüidade da visão do feminino entre os muçulmanos. As mulheres, entre eles, são vistas como “estando em um estado constante de impureza ritual”.⁴⁵ É-lhes vedada qualquer participação nos rituais: “o Alcorão proclama a preeminência dos homens sobre ela, porque Alá fez uns superiores aos outros”. E na Bahia, “as mulheres estavam submetidas a um código de honra bastante rígido”, enquanto aos homens, era permitida a poligamia.⁴⁶

45. REIS, 1987. p. 136.

46. BASTIDE, 1971. p. 209.

Mas, por outro lado, sempre foi muito forte o apelo da sexualidade no Islã. É lembrar Maomé, sempre muito ativo com suas nove mulheres... No Islã, a mulher é objeto e instrumento de delícias tais, que, para o muçulmano cumpridor de seus deveres é-lhe prometido um Paraíso cheio de belas mulheres celestiais, as voluptuosas *ouris*. E, precisamente por ser reconhecida a força telúrica da volúpia, lógica e contraditoriamente, o Islã é machista, segregador e castrador das mulheres, pelo perigo que representam: atrativa e impura fonte de prazer.

47. REIS, 1987. p. 124.

Ficam as perguntas: quantos ingredientes terão entrado no variado “cocktail”, próprio dessa “reinvenção das coisas, típica das culturas escravas do novo mundo”⁴⁷ que compõe a Pomba Gira?

Tal como a Pomba Gira, que se reveste ao mesmo tempo da aura erótica da *ouri* e dos baixos poderes demoníacos. Sua carga satânica tanto pode remeter às torturas da culpabilidade bíblicas

(lembrar-se de Lilith), e cristã, quanto à ambigüidade de um Islã fortemente erotizado.

Mas, tanto na África Negra quanto no Brasil, “o islã negro foi obrigado a fazer concessões a seu setor feminino”.⁴⁸ “Manuel Que- rino descreve um “sará”, missa malê (consta que *fazer sala* signifi- cava as orações cotidianas feitas em casa) onde a “dona de casa se dirigia às pessoas presentes, cruzando os braços (...) proferindo a saudação *motumbá*”.⁴⁹ (Note-se que é uma fórmula ainda vigente em muita roça de candomblé). “As mulheres (...) participavam, comiam e dançavam dentro de um islã mais alegre”.⁵⁰ Alegrias que permitem associar às da Pomba Gira, ao ler-se a descrição de uma *feira dos Mortos* presenciada por Mello Moraes, “evidentemente rito funerá- rio malê”, diz Artur Ramos,⁵¹ já sincretizado com iorubá, acrescenta Bastide.⁵²

Realizada em Penedo, Alagoas, esta festa, que durava vários dias, iniciava-se no dia consagrado às preces no Islã, uma sexta-feira, com orações, à meia noite, e pela noite adentro, as oferendas de sacrifícios de animais. Seguia-se um vasto festim, aberto também a todos os da vizinhança, que acorriam. “De turbante e pano da Costa, de saias rendadas e leves chinelinhas, as mulheres negras prodigali- zavam comidas à moda de seu país,⁵³ sendo as principais refeições dos dois dias últimos presididas pelo sumo-sacerdote e seus sequazes, vestidos com suas vestes brancas (...)” (Deve-se notar que outro símbolo da presença islâmica na comunidade africana era o uso de uma roupa toda branca, espécie de camisolão comprido, chamada *abadá* na Bahia).⁵⁴ “Depois”, prosseguindo na descrição de Mello Moraes, “perdendo-se das vistas curiosas, matronas da África, de face lanhada e gestos magníficos, lá seguiam às ocultas, cobrindo com o pano de Angola cuias bordadas contendo comidas.”

E acuteladas no andar, receosas nos movimentos, voltan- do-se com o olhar, entornavam aqui e ali, por cima da terra e por baixo das pedras, o funerário alimento para o banquete das almas (...)

Em seguida dava-se o sinal para as danças.

Não obstante ao povo inteiro serem facultativas as danças dos seus usos, os dançadores d’Africa isolavam-se perfa- zendo um grupo distinto (...) em leve rodopio, spatonado, em algazarra confusa, os africanos e africanas dançando e cantando, batendo palmas (...).

Veio a noite, acenderam-se archotes de resina,

48. REIS, 1987. p. 130.

49. BASTIDE, 1971. p. 213.

50. REIS, 1987. p. 130.

51. RAMOS, Artur. *As culturas negras no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 345.

52. BASTIDE. 1971. p. 212.

53. MORAIS FILHO, Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. Belo Horizonte: Ita- tiaia/Edusp, 1971. p. 209-211.

54. REIS. 1987. p. 124.

os dançados e os clamores aviventam-se mais e mais, ao passo que uma das baiadeiras negras, libertando-se da roda, dançando sempre, chegava-se para os assistentes profanos que circulavam os bailados. Graciosa e vistosamente trajada, recobria-lhe a mão suspensa uma chuva de fitas de todas as cores, pendentes do cabo de uma varinha de prata (...) em cuja extremidade tinha moedas de ouro, de encontro às voltas de miçangas e búzios que a adornavam (...) Com esta, tocavam um espectador, que convidavam para dançar. Se este recusava, dava em troca dinheiro, e a este ofereciam as baiadeiras da Morte ramos de flores entrelaçados de fitas (...)⁵⁵

55. MORAIS FILHO, 1977, p. 211.

Continuando a digressão, eu me permitiria outra observação quanto ao tratamento dado pelos teóricos umbandistas à Pomba Gira Cigana. Cujas inclusão no panteón da “mironga” se explica evidentemente pela secular associação cigana-feiticeira, e os autores umbandistas sempre remontam às mais sábias incursões sobre as longínquas origens dos ciganos. Não se encontram, no entanto, referências aos ciganos em Portugal, onde teriam entrado desde o século XV, vindos provavelmente da Andaluzia, terra da *Bari Crallisa*. E não teria sido interessante registrar a sua antiga presença no Brasil, documentada em autores de fácil acesso e saber comprovado, como Câmara Cascudo? Com efeito, apesar “do horror que parecem ter tido do mar”,⁵⁶ foram obrigados a atravessá-lo: já desde 1574 um alvará de D. Sebastião comuta a pena de galés do cigano Johan de Torres em degredo no Brasil, podendo trazer mulher e filhos. E a partir de então não faltam referências a eles nas Denúncias inquisitoriais, da Bahia ou de Pernambuco. Mello Moraes no seu *Os ciganos no Brasil* cita várias ordenações do Reino dos séculos 17 e 18, referentes a ciganos.⁵⁷ Os dois maiores centros de concentração cigana foram Bahia e Rio de Janeiro, onde viveram permanentemente, fizeram grandes fortunas como revendedores de escravos, além de exercerem todas as costumeiras profissões; acabaram se misturando com a população local. A rua da Constituição, no Rio, já se chamou rua dos Ciganos, e lá veneravam a Senhora Sta Ana, chamada Cigana Velha. Vale notar que a mais antiga paróquia de Sevilla, na Triana, bairro cigano, era também dedicada a Sta Ana. (Ortega). Como acontece com toda população pobre e marginal, relegados geralmente nos mesmos bairros, viviam perto dos negros, vizinhos aos depósitos do Valongo, e na Cidade Nova. Pode-se, portanto, facilmente imaginar havidos contatos e trocas mágicas.⁵⁸ Tanto mais que havia ciganos, como lembra Ortega, que haviam “conservado el nucleo primitivo de sus creencias unidas a la religión positiva, Islamismo o

56. CLÉBERT, Jean-Paul. *Lestziganes*. Paris: Tchou, 1976. p. 46.

57. “Diz o decreto de 27 de Agosto de 1685: Fica comutado aos ciganos o degredo da Africa para o Maranhão”. MORAES FILHO, Mello. *Os ciganos no Brasil e cancionero dos ciganos*. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1981. p. 26.

58. Encontra-se no tradicional *Livro das Bruxas*, ou *A feiticeira de Evora* referências de cigano acolado a negro em terras do

Cristianismo, que han adoptado en los distintos países en que se han asentado.”⁵⁹ Lembrar também, a partir dos processos analisados por ela, que, entre seus muitos amuletos, as ciganas também recorriam aos papeizinhos com escritos e desenhos mágicos, análogos às bolsas de mandinga. E tal como os negros, os ciganos participavam com suas danças, instrumentos e trajes característicos das grandes festas oficiais da colônia. Um testemunho das festas de 1810 no Rio, o viajante Eschwege permite imaginar o quanto elas deviam espicaçar as imaginações eróticas: “todos só tinham olhos para as jovens ciganas; (...) executavam os mais lindos bailados que jamais vira”. Outros se referem às “baiadeiras (...) morenas sedutoras como as profetisas gentias.” (quem haveriam de ser estas?).⁶⁰

O capítulo XIV trata de *Klepoth*, (*Exu pomba gira*).

EXU POMBA GIRA, denominada na Lei da Kabbalah KLEPOTH, é uma entidade da Magia Negra que representa a maldade em figura de mulher (...), a encarnação do Mal (...) o Bode de Sabbat.” (...) “Pomba Gira encarrega-se da vingança, pactuando com as mulheres feitiçeras contra as suas inimigas. Todos os trabalhos inerentes a casos de amor, nos quais a mulher se sente prejudicada, ou então pretende realizar qualquer união, são entregues à Pomba Gira, e os seus resultados são surpreendentes, pelo fato de possuir essa entidade um grande poder.” (...) “O dia que lhe pertence governar é sexta-feira, principalmente à noite.”⁶¹

(Não saímos dos topos tradicionais, encruzilhada, sexta-feira, etc.⁶² Mas sexta-feira também é o dia sagrado de orações para os Malés. Poderia se ver uma carnavalização do dia sagrado reforçando o dia consagrado às feitiçarias?)

Ao mesmo tempo que aponta para o princípio do Mal absoluto, o Demônio, aponta para seu aspecto de mensageiro, para sua característica de executora de trabalhos que podem beneficiar ou prejudicar o “filho da fé” que lhe pede algo. Isto é imediatamente ilustrado por um exemplo de “trabalho” que transcrevo, não sem antes, com Cascudo, lembrar a origem oriental—malé—desse dualismo. “Ausência do diabo africano”, diz Mestre Cascudo: “O dualismo do Bem-e-do-Mal foi uma dádiva oriental” e “o Diabo, uma invenção católica, portuguesa. O nosso Diabo é uma permanência, força inflexível, terebrante, teimosa, em serviço do Mal. (...) Essa atitude não existe entre os santos pretos. (...) Elegbá, Exu (...) é um embaixador dos pedidos humanos para um orixá poderoso e capaz da realização suplicada. Os pedidos é que podem ser bons ou maus, sem a participação do intermediário.” Exu não tem a maldade congênita, medu-

Brasil: um anel mágico que se encontraria pelas “bancas da Passagem”. O anel tem a ver com busca de tesouros, assuntos mágicos em que se especializavam os ciganos, diz Ortega, p. 322-349.

59. ORTEGA, Maria Helena Sanchez. *La inquisición y los gitanos*. Madrid: Taurus, 1988. p. 259.

60. MORAIS FILHO, 1981. p. 30-31.

61. RIBEIRO, José. *Pomba Gira (Mirongueira)*. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, s/d. p. 75.

62. BETHENCOURT, 1987. p. 109-111.

lar... Sua susceptibilidade, caráter irascível, turbulento, inquieto, vingativo, são invariavelmente reações, réplicas, represálias. Satanás não guarda a casa de ninguém. Exu, repleto e tranquilo, é guardião incomparável. O nosso Satanás é incorruptível...⁶³

63. CASCUDO, 1965, p. 107-109.

E nosso Exu Pomba Gira, ao contrário de Satanás incorruptível, “trabalha a favor e em benefício das mulheres e depende unicamente da classe do trabalho que a mulher quer que ela lhe faça (...)”⁶⁴
Ela também ajuda os homens:

64. RIBEIRO, s/d. op. cit. p. 76.

Todo homem que quiser conseguir alguma coisa de Exu Pomba Gira vá em uma sexta-feira, próximo de meia-noite, em uma encruzilhada (se for uma mulher que quer ser beneficiada, deve ir acompanhada de um homem, segundo a lei da polaridade e do sexo), levando a oferta correspondente ao trabalho, pedir licença, e em seguida cantar o ponto:

Areia Arreia
Rainha da gira
Vem trabalhar
Exu Pomba Gira.

E, quando mais ou menos sentir sua presença, cantar a seguinte saudação:

Salve tatá Pomba Gira
Salve Exu Mulher
Ela é na encruzilhada
A que faz tudo o que quer.
Em seguida, entregai a oferta e fazei o pedido; terminando, direis: “Assim como na encruzilhada tu és aquela que fazes tudo o que queres, assim também me façam o que quero.”

E vamos reencontrar, na conclusão do ritual, ecos daquela poética oração de Antonia Maria:

E, terminando, dizei: “assim como os astros giram, as estrelas brilham, o Sol e a Lua iluminam, assim estou eu confiante de me fazeres o que eu quero; e que logo que isto obtenha, eu vos trarei uma boa oferta.” Dizei o que se vai dar em agradecimento.⁶⁵

65. Ibidem. p. 76.

A partir de Ribeiro e do conjunto de textos se referindo a ela, Exu é uma figura mítica complexa, contraditória, ambivalente, cuja caracterização é difícil resumir em poucas linhas. É composto por

traços africanos da origem—intermediário entre os homens e os deuses, sexualidade forte, fálica, caráter de “trickster”, isto é, malícia, esperteza, desordem —, conceitos espirituais e tradições europeias e bíblicas: associação ao Reino das Trevas, demonologia cristã cabalística, cuja hierarquia militar reproduz. Esta, que incorpora os Serafins decaídos, vai ao Diabo Chefe, o Maioral, Lúcifer, numa gradação descendente até os exuzinhos mais desqualificados. Mas esse Reino das Trevas e do Mal, associado à Quimbanda, não é homogêneo; os níveis superiores são considerados mais puros que os inferiores. Aos primeiros correspondem os Exus batizados, que, dentro da Quimbanda e com as forças mágicas desta trabalham para o Bem, e os exus-pagãos, os “opressores” que não podem evoluir, sem luz, marginais de espiritualidade, que só trabalham para o Mal: “A nomeação, o batismo, aparece como uma atividade simbólica que ordena o universo das entidades sobrenaturais. O Mal é domesticado quando recebe um nome, isto é, quando lhe é dado um lugar e uma função bem determinados.”⁶⁶

Esta ambivalência do Exu remete à do feiticeiro europeu tradicional: “quem pode o mal, pode o bem”.⁶⁷

E, como o demônio europeu (“Le jeu effrayant du diable et de la mort”, de Delumeau, à página 325), os Exus estão associados à morte. Uma das falanges de Exu se intitula “O Povo do cemitério” e está subordinada a Omulu, “dono e senhor dos cemitérios”. Este orixá africano, ligado à doença, na Umbanda não figura na Linha da Luz.

Os especialistas vêm notando a preferência dos consulentes pelas entidades mais marginalizadas das suas hierarquias: pretos-velhos da Linha de Luz, exus do domínio das Trevas. O Exu é muito procurado nas demandas (consultas e execução dos pedidos, nos despachos), e um de seus representantes mais populares, o Zé Pelintra, a quem são consagrados vários pontos, remete ao estereótipo do malandro, e, mais fundo ainda, a duas figuras paradigmáticas da cultura popular brasileira, Pedro Malazarte e o João Grilo nordestino. Fico tentada em aproximar o Exu malicioso malandro e virador de um personagem europeu, que também é uma figura de inversão carnavalesca, de maliciosa subversão da norma, pobre, humilhado, boçal e esperto, obscuro, sensual, escatológico, sempre ajudando os namorados perseguidos com suas tramóias que têm muito de mágico: penso nos “zanni” (criados) da *Commedia dell'arte*, mais especialmente no Arlequim. Figura da desordem e perturbação do espetáculo, cujo longínquo antepassado seria o Hellequin, que encabeçava a “cavalgada selvagem”, diabólico encontro com a morte, o qual já teve oportunidade de associar a uma figura carnavalesca (no sentido bakhtiniano), uma “máscara” brasileira, o Mateus.⁶⁸

66. MONTERO, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 149.

67. LE ROY LADURIE, Emmanuel. *La sorcière de Jasmin*. Paris: Seuil, 1983. p. 32 e 257.

68. MEYER, Martlyse. *O carnaval nos folguedos*

populares brasileiros.
In:— *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade (no prelo).

69. MOLINA, s.d. p. 1415.

70. *Ibidem*. p. 17.

Se me demorei em tentar apreender um pouco do Exu, é que é, como já se disse, a outra metade da Pomba Gira. Uma metade um pouco melhor, porém... “Pomba Gira ou Pombo Giro (...) é mais uma força vibratória, força que está fazendo parte do lado oposto, pois é Exu Mulher, sendo desta forma pólo negativo, visto ser mulher, o contrário do homem que é positivo (...)”. Mas de qualquer forma há complementaridade, o par é necessário para que o trabalho seja completo: “como mulher de Sete Exus, cada Exu chefe de sete falanges desce acompanhado de sua mulher que desfruta de poderosas forças”.⁶⁹ Isto posto, cada medium, além de sua entidade própria, possui obrigatoriamente seu Exu, se for homem, sua Pomba Gira, sendo mulher, que funcionam como mensageiros entre o Fiel e seu Orixá.⁷⁰ Onde fica o Mal absoluto, nesse caso?

De qualquer forma, a Pomba Gira, portanto, corresponde ao mesmo mundo de apresentações do Exu. Tem a sua força, o seu poder. Como ele, “ela trabalha para o bem, ela trabalha para o mal”. (Ponto de Pomba Gira). Como ele, o caráter subversivo que oferece em relação às normas da moral vigente não impede,—antes explica,— a crescente preferência que por ela têm os consulentes aflitos.

Mas, como é mulher, sua associação ao Mal, sua demonização passa pela imemorial marca infamante da feminilidade: a luxúria, encarnada noutro antigo estereótipo, a prostituta. Uma “mulher da vida”, com “sete maridos”, bem marcada, me parece, pelo tempo em que se constituiu a Umbanda em espaço urbano: vários dos seus pontos cantados que ouvi remetem a um espaço escuso da cidade, que já foi sinônimo de devassidão e “mulher perdida”: a Pomba Gira é de *cabaré*.

71. ORTEGA, 1978. p. 302-306.

A associação feiticeira—prostituta—demônio, personificada no estereótipo da Celestina, a grande rufiã, alcoviteira na velhice, criada no teatro espanhol por Fernando de Rojas, era muito comum já em Portugal, diz Laura de Mello e Souza, à p. 228. E vimos a “Cigana Celestina”.⁷¹ : Vestida de vermelho, elegante, coberta de jóias, soltando estrepitosas gargalhadas, lasciva, provocante, assim explode, quando baixa, a Pomba Gira.

Note-se—como é o caso dos Exus—a estreita relação da Pomba Gira com o domínio dos mortos. Ela faz parte do “Povo do Cemitério” e tem vários nomes correlatos: Pomba Gira da Calunga, das Sete encruzilhadas, da Meia Noite, das Sete Sepulturas, a Rosa Caveira que obedece diretamente a Omulu, Senhor dos Cemitérios, Rainha do Cruzeiro. E agora, mais particularmente o nome, o nome alvo deste texto e de tantas digressões: a dona Padilha das Sete Encruzilhadas, a Maria Padilha das Almas ... Eis informações de Raimunda Batista que me concedeu depoimento oral:

Muito conhecida, mesmo, célebre, conhecida por todos na Umbanda e na Quimbanda. Seus trabalhos são considerados os melhores. “Ela é a Rainha das Pomba Gira. A mais forte. Nos livros e nos pontos cantados confirma-se seu elevado posto na hierarquia demoníaca. Ela é mulher de Lúcifer. E dentro do Povo do Cemitério, é também a que tem mais poderes. Ela é Rainha do Cruzeiro e das Encruzilhadas. E por ser das Almas também, seu dia é também segunda-feira, dia de grande força além da sexta-feira. Ai é vela branca, toalha branca, flor até.

“Ela”, a Padilha, resolve problemas conjugais e atende pedidos dentro de sete, quatorze, ou vinte e um dias. E a promessa que lhe foi feita deverá ser logo paga, sob pena de desfazer o que realizou. É amiga de Ogum que trabalha nos cemitérios e nas encruzilhadas. Tem coisas de Iansã. Trabalha melhor no Espaço, mas também o faz na Terra. Para cada três trabalhos na Terra, efetua nove no Espaço. Recomenda que se tratem bem os Compadres (os Exus), que são necessários em alguns trabalhos. Não gosta de chegar só. Vem, antes, dela, e com ela suas companheiras, pode ser Maria Molambo e a Cigana. E costuma-se oferecer banquetes para todas elas. Ela não gosta de mulheres feias. Seus médiuns são sempre atraentes.

Note-se que, entre os ingredientes mágicos ofertos à Padilha e constitutivos de seu *ebó* (alimento ritual), figura uma pomba preta.⁷² O que leva a imaginar a ponte lançada para a alta antiguidade, evocando uma figura arquetípica da sedução: Afrodite. Cultuada entre os Gregos, de suposta origem asiática, três mitos diversos explicando seu nascimento, uma das possíveis mães de Eros. Como muitos deuses, ele oferecia uma dupla face, a radiosa, simbolizada pela imagem de seu nascimento da espuma do mar. A sombria, obscura, tenebrosa, associada aos reinos inferiores, relacionada com o caos e a morte. Encarnava a força primária, irreprimível, selvagem, do desejo e do prazer sexual, inteiramente dissociado da reprodução. E, precisamente, era uma pomba que lhe era oferecida. Ora, esta também apresenta face contraditória: símbolo do puro amor, é todavia, um pássaro agourento, associado também à morte. Seria o “suspiro das Almas”.⁷³

Afrodite representa portanto um complexo amor-luxúria-sexualidade-beleza-morte-inferno-almas, cujas componentes, desdobradas, encontramos nas diferentes Pomba Gira, e particularmente concentradas em algumas representações de sua Rainha, a Dona Padilha.

72. RIBEIRO, s.d. p. 46 e
MOLINA, s.d. p. 18.

73. CHEVALIER, 1969,
p. 55 e p. 758.

Essa preeminência de Maria Padilha, a única Pomba Gira a ter um nome próprio de registro civil, a alta posição que ocupa, sua força, sua beleza seus poderes na Calunga, entre o Povo do Cemitério, estão confirmados nos livros, (umbandistas e acadêmicos universitários), pelas pessoas com quem Raimunda e eu conversamos e pelo que pude presenciar.

Marcando a diferença, um fecundo autor, Molina, escreveu um *Savará Pomba Gira* e outro volume, *Saravá Maria Padilha*. Esta tem, diz ele, poderes de Rainha, mulher de Lúcifer, “é a mãe de Pomba Gira, comanda uma falange de Exus que trabalham embaixo de suas ordens... tem muita luz e força”.⁷⁴ Assim se refere ele à “origem carnal” da Maria Padilha, (sem citar nenhuma fonte, diga-se):

74. MOLINA, b. p. 43.

Nas pesquisas e estudos em que me aprofundi no decorrer dos anos, cheguei à conclusão, ou melhor dizendo, obtive confirmação de uma delas, que, há muitos anos atrás, em uma das suas passagens por este planeta, ter sido ela irmã carnal de uma certa pessoa de grande nobreza no Mundo Antigo (...) Maria Padilha é uma entidade de certa forma autoritária, pois fôra em outras eras figuras (sic) de grande vulto, que são citados hoje na História Geral, a História Universal.⁷⁵

75. Ibidem.

Um pai de Santo de terreiro umbandista de São Paulo, entrevistado por Liana Trindade, confirma a representação que separa dona Padilha das outras Pombas Gira:

Pomba Gira era prostituta de muito baixo nível, sem cultura. Ela não pertence à classe de Maria Padilha, que era professora, tinha conhecimentos, pessoa elegante. Ela vai transmitir para outra Pomba Gira fazer aquele serviço que pediram para ela, ela mesmo não precisa fazer. Como um encarregado da firma, (o entrevistado, 25 anos, branco, é chefe de seção), não precisa por a mão no serviço, tem quem faça por ele. É como também o Exu-Chefe, o Supremo, que comanda sete Exus abaixo dele, ele manda esses exus fazer o trabalho prá ele.⁷⁶

76. TRINDADE, 1982. p. 29-36.

Uma reação comum marcou todos aqueles a quem fui atirando à queima roupa a pergunta: “Quem é Maria Padilha?”. Reação de hesitação, voz abaixada, resistência, às vezes. Resistência normal, me disse uma amiga que a recebe, e não dá para explicar, “prá saber um pouco a gente precisa ser iniciada, não basta livro, nem só assistir”. Depois, porque de um modo geral esses iniciados ficam sem

jeito de falar nela, porque “todas as Pomba Gira são desbocadas, grossas, não é para gente fina que nem você”. Mas parecia que em se tratando da Padilha, a resistência era maior ainda. Como me disse uma colega e amiga, socióloga negra do Maranhão que me ouvira, em público, falar de Padilha: a colega, ao final, disse-me, em particular: “preciso te dizer, porque você é de confiança; na minha terra, a única Pomba Gira que a gente precisa tomar uns cuidados quando ela anuncia sua visita é a Maria Padilha, porque é a mais forte das Pombas Gira.” O que foi confirmado por outra amiga que recebe uma Pomba Gira, mas não a Padilha, porque para esta é preciso “desenvolver muito mais.”

A colega Raquel Trindade, filha do grande Solano Trindade, e que sabe das coisas do Povo do Santo, me confirmou, também me chamando de lado e baixando a voz: “A Maria Padilha, dizem que foi grande dama, da nobreza, mesmo; diz que era espanhola, com aquele jeito, sabe”. E Raquel, bela mulher, mãe de Santo e dançarina, figura com o corpo a postura altaneira da Padilha. “Ela é muito forte, é linda!” E acrescenta um dado que confirma a posição diferenciada da Padilha, até na cor: “Toda Pomba Gira é negra, mesmo que seu médium não seja, e nem queira ser. A única branca, branca mesmo é a Maria Padilha.”

Isto é negado veementemente pelo Senhor Plínio, meu eletricitista, Pai de Santo de um terreiro em Lauzane Paulista, igualmente espantado, aliás, com minha pergunta e aproveita a oportunidade para me levar para a Umbanda, “coisa bonita que a gente não sabe como começa, mas acabar não acaba nunca, sempre se desenvolve”. Ele diz, quanto à cor de Padilha: “Não senhora, *Ela* não é branca não, ela é da África. Lá, na África, ela foi princesa. Agora, quando ela baixa, ela é loura, ela é esguia, ela é linda de morrer...”

Já a Bete, que atende aos numerosos clientes da casa de ervas Vavá⁷⁷ com o saber que lhe confere “ser feita no Santo há vinte anos”, demonstra um conhecimento sereno da Padilha, que diverge um pouco dos outros depoimentos. Começa me apontando a estátua de cerâmica avermelhada, tamanho natural, que está na soleira da porta, do outro lado de Zé Pelintra. No meio, como é Abril, mês de Ogum, um grande São Jorge a cavalo. A estátua representa uma mulher quase nua, com uma coroa de paetês vermelhos, coberta de colares e muitos cintos de metal dourado, rosas vermelhas e muitas taças coloridas a seus pés. “Ela é a Maria Padilha. Só, que de verdade, ela não é para ter essas jóias todas, ela não gosta de enfeites, é o pessoal que passa e vem e vai colocando nela. Só a coroa que está certo. Ela só gosta é do ferro dela. Esse aí. Vejo que é um garfo redondo, fêmea. O de Exu é quadrado. Ela é a primeira das Pomba-Gira, a Rainha. É mentira esses que dizem que tem a ver com o mal. Pede-se pouco pra ela. Ela

77. Em setembro de 1989 eu haveria de levar Carlo Ginzburg nessa loja. Encontrou-se com essa feitiçaria “in act”.

não atende. Quando atende, já sabe para quem é. É para quem tem merecimento, depende do merecimento da pessoa.” Mesmo assim, tem que pedir prá ela prá outra Pomba Gira, em nome de Iemanjá. Assim ela atende. Agora, o assentamento dela é de bruxaria mesmo. Tem o ferro, tem tudo: pomba preta, sapo seco, aranha, outras coisas assim. Tem obi, orobô, mel, dendê. Assentamento é do lado de fora, pra proteger a casa, que nem o de Exu. Mas só se assenta Exu depois de sete anos de obrigação feita. Agora, se a cabeça for mesmo de Exu, se for mulher, tem que ser sempre a Padilha. Se for homem é o Exu Marabô; este depois de sete anos de obrigação feita. Agora, se a cabeça for mesmo de Exu, é o que tem cuidado com a alma da gente. É exu-chefe. O fundamento dele é cuidar do espírito da gente”. (O Exu Marabô, no Organograma do Alto Comando do Reino dos Exus, está diretamente ligado a Lúcifer, acima de Omulu, o que confirma, na hierarquia demoníaca, a posição de Maria Padilha, mulher de Lúcifer.)⁷⁸

78. FERREIRA, Firmino. *300 pontos* (cantados e riscados de Exus e Pomba Gira). Rio de Janeiro: Eco, 1976. p. 28.

Minha amiga Beth de Oxum—a Maria Padilha que eu conhecia há mais tempo—a primeira que interrogara, bela e forte e sedutora mulher, mulata, também demonstrara a mesma hesitação: “não sei o *enredo* dela direito, só sei dela quando ela me visita, quando ela vai embora eu fico tão cansada que não me lembro mais; sei que era dama nobre, espanhola ou portuguesa, não sei. Eu ganho cada vestido lindo para ela no dia do aniversário dela. É dia 2 de Novembro”. Quando no fim do ano, pedi a Beth para ir à festa de aniversário—já fora algumas vezes no terreiro quando a sobrinhada dela foi fazendo o santo—ela, tão hospitaleira, não me queria. Explicou: “é que ela é muito desbocada, diz e faz coisa que não deve, é forte demais”. Venceu minha teimosia e pude, em 88, assistir ao ritual. Maria Molambo e a Cigana já estavam dançando, esperando a Padilha. Esta entrou, linda de vermelho, fez o padé de Exu e começou a loucura da dança e interpelações aos presentes, bebendo Cinzano, fumando seus cigarros longos. Estonteante visão. Esta comemoração de aniversário, o ritual organizado, na desmedida que lhe é próprio, e a festa informal que se lhe segue como em todos os rituais religiosos que observei, remete à noção de carnavalização senso-lato.⁷⁹

79. Ver MEYER, Marlyse. *O carnaval nos folguedos populares brasileiros*. op. cit.

Nela se observam diferentes patamares de carnavalização, compreendida como inversão do discurso dominante. Já, por exemplo, a data do aniversário, 2 de Novembro, dia dos Mortos, se tem a ver com a relação de Maria Padilha à Falange do Cemitério, também pode ser vista como escárnio em relação ao calendário cristão. A própria figura da Pomba-Gira, mais espetacularmente no dia de sua festa, mas até quando baixa dentro do ritual “oficial” da gira, é o carnaval de seu “cavalo” (na Umbanda também chamado “burro”, ou seja, o médium que recebe a entidade), homem ou mulher, a quem

assegura uma total liberação libidinal e social. Em sendo mulher, permite-lhe concentrar, na afirmação de sua sexualidade sem recalque, na soltura dos gestos e das palavras, toda a energia cotidianamente investida na formidável quantidade de trabalho exigida para a sobrevivência sua e dos seus. Em sendo homem a Pomba-Gira, ele pode, sem a auto-censura que o cotidiano o obriga a assumir, principalmente se ocupa funções religiosas no terreiro, dar total expansão à sua feminilidade reprimida.

Só há que obedecer a umas poucas regras de comemoração religiosa: a imprescindível abertura de todo ritual, a oferenda ao que abre, o *padé de Exu*, no caso, carne crua com dendê; e obedecer à ordem de entrada das entidades. Primeiro o que seria o “séquito” de Maria Padilha: Maria Molambo e a Cigana precedem a “aniversariante. Estas normas bastam para que se oficialize e se legitime a expansão dionisiaca. Esta vai estourar sem freios na festa que sempre se segue ao fim do ritual! Essa, ao contrário do que pude observar geralmente, é aberta aos de fora da casa: muitos que lá vão, não o fazem só pela sua obrigação à entidade, mas vêm atraídos pelo pagode, pelos comes, pela cerveja. Pela liberdade enfim, que é a marca da festa da Pomba-Gira. É, principalmente, o desbunde carnavalesco dos homossexuais, o desrecalque sem peias, observado por tranqüilos casais, que, sentados à volta do barracão apreciam, sem susto moral, a festa louca.

A festa de Maria Padilha como que sela a institucionalização da figura da desordem que representam exu e pomba-gira no Panteon invertido da Umbanda e nas representações e devoções de seus fiéis.

Consustancial a essa desordem, a feitiçaria, melhor dizendo, a mironga. Sua executora mór, a Pomba-Gira mirongueira.

Não se poderia ver nessa entidade como que a metamorfose, o avatar atualizado, moderno, dentro da sociedade brasileira de hoje (e com uma clientela que, como ontem, não se recruta só entre as camadas mais desprovidas da população), daquelas feiticeiras dos tempos coloniais, tão concretamente ressuscitadas pelas pesquisas de Laura de Mello e Souza? As quais ainda tinham muito a ver com aquelas suas irmãs seiscentistas de que Francisco Bethencourt esboçou o tipo e descreveu os atos, muito familiares para nossas feiticeiras caboclas? “Feitiços de bem querença e de mal querença associados ao amor”.⁸⁰ Elas continuam por estes Brasis afora, controladas pelo ritual que garante sua eficácia e poder, “fazendo mandraca na gamela de pau de tamburi para virar a cabeça dos homens”, no dizer do pintor José Antônio da Silva, o “Silva.”⁸¹

As Antonia Maria e suas companheiras de degredo e suas mestras e discípulas da Colônia como que deixaram o Espaço (em

80. BETHENCOURT. 1987. p. 16, p. 75-103.

81. SILVA, José Antonio da. *Maria Clara*. São Paulo: Duas Cidades, p. 29.

82. BAROJA, 1972. p. 118.

que Inferno vai a feiticeira?), para reencarnarem nas Pomba Gira, na Maria Padilha e suas companheiras demonizadas, Maria Padilha e toda sua quadrilha. Nossa atual e atuante feiticeira não é, porém, aquela figura horrenda e velha, com que a tradição a viu. Nem é tão pouco do tipo da *Celestina*, aquela figura literária que virou arquétipo de bruxa ligada ao erotismo, alcoviteira intringante e perigosa, solteirona e antiga meretriz.⁸² Antes se fazia pelo modelo de Antonio Maria: ambígua, trabalha para o mal, trabalha para o bem, sabe desmanchar feitiços, feiticeira e contra feiticeira, que não hesita em fazer as amarrações do amor em seu próprio proveito, bonita que é (novo ardil do Diabo?), “mulher graciosa, de pequena estatura, alva de rosto, e este, largo, olhos pretos e formosos”, como já vimos. “Maria Padilha, me deixe tão atrativa quanto você”, pedem as consulentes de hoje. E tanto quanto o marginalizado Exu, a Pomba Gira vem sendo cada vez mais querida e procurada.

83. MONTERO, 1985. p. 247.

O que eu gosto mesmo é da Pomba Gira, porque ela é alegre, brinca muito com a gente, sabe. Sempre vou lá, ela tá brincando, ela tem mania de levantar a saia. Eu também gosto de Preto Velho, mas acho assim, muito sério, não é muito brincalhão. Por isso eu sempre converso é com a Pomba Gira.⁸³

84. MONTERO, 1985. p. 199.

Interrogando-se sobre os possíveis motivos da grande procura dos fiéis pela Pomba Gira, Paula Montero veria a “projeção espiritual de suas dificuldades” (do consulente) “do que vivem e sofrem no seu dia-a-dia de trabalhadores ou desempregados”.⁸⁴ Eu mesma, acima, referi-me à médium, transferindo para uma sexualidade sem recalque a energia investida para a sobrevivência cotidiana. Mas além disso, além do apelo aos dotes de feiticeira da Pomba Gira para resolver as agruras da vida e do coração, não se poderia simplesmente ver também o apelo e a atração pela perturbadora figura de sedução que também encarna?

Ela é “Pomba Gira cigana que todo o povo seduz”, “Moça faceira, Pomba Gira que ela é”, “Atrativa Maria Padilha, Linda mulher, Rainha do Candomblé”. Atração pela liberdade do amor fora das normas que ela representa? Figura mítica do mundo invertido, a Pomba Gira não só atende e pode permitir exprimir os amores fora da divisão costumeira dos sexos, como ainda deve seduzir tanto homens como mulheres pela sua atuação amorosa fora da domesticidade das normas. “Mulher de sete maridos”. O “balanço” da norma. O “balanço” da encruza. “O dêmo existe?” Atração pela radical subversão, pelas forças obscuras e reprimidas do desejo. Feiticeira. Prostituta. O interdito. O dito tão lindamente por Guimarães Rosa:

“coração cresce de todo lado..., coração mistura amores”. “Tudo cabe: a flor do amor tem muitos nomes”. Riobaldo e seus amores: Diadorim, “neblina” e Otacilia, “mimo de alecrim, a firme presença”. E aquelas moças: Rosa’uarda, Miosotis, Prostitutrizes. “Aquele linda moça, meretriz, vestida de vermelho, por lindo nome Nhorinhá, “filha de Ana Duduza, falada de ser filha de ciganos... e que também gostou de mim e eu dela gostei”... “Nhorinhá sem mesquinhice, para todos formosa, de saia côr de limão”... “Nhorinhá prostituta, pimenta branca, boca cheirosa...” “Nhorinhá, puta e bela,... que casou com muitos e sempre nasceu em flôr...” “Nhorinhá, namorã, que recebia todos, era bonita, era a que era clara... E os homens, porfiados, gostavam de gozar com essa melhora de inocência. Então, se ela não tinha valia, como é que era de tantos homens?”... “E as mulheres-damas do Verde-Alecrim?”

Envotamento de Guimarães Rosa... Pomba Gira dos confins das Gerais... a beleza da fala talvez faça desculpar a longa citação? Amor de militriz. Conversas amigas, porfiadas, com a Pomba Gira. Valorização da feminilidade no que tem de primordial, de força viva. Como que se quebra, nessa instância libertadora da relação entidade/consulente o milenar e arraigado preconceito, o medo de mulher, que os teólogos oficiais da Umbanda ainda teimam em teorizar. Homem, valor positivo, oposto ao pólo complementar, mas negativo da mulher. Pomba Gira = luxúria = mal absoluto = Asmodeus = Demônio Mor, mais alto que Lúcifer: o DIABO.

Ocorre concluir, o que é difícil. Suspende, melhor dizendo, a viagem à procura da Mãe da Pomba Gira. Perdi-me um pouco, muito, nesse mundo, para mim, insuspeitado, de feitiços, magias, trabalhos. Uma vertigem nascida de uma ignorância dos livros e de um mergulho nada livresco no real. Porque, à medida em que fui tentando saber dessas mirongas, ficou claro que elas estão aí, no nosso cotidiano, rede invisível que apanha um número muitíssimo maior do que se imagina e não se reduz às classes mais desfavorecidas. No humilde barracão de Beth de Oxum-Maria Padilha, era gente “fina” e de posses, que viera cumprimentar a Pomba Gira e presenteá-la, para agradecer favores. E ainda tem vez o binômio política-feitiçaria. Sabe-se que não são poucos os políticos que recorrem aos Exus. E contaram-me, recentemente, de um alto funcionário de possante empreiteira— esta ponta de lança do capitalismo brasileiro—fazendo o ritual completo para o Exu da esquerda, contra um concorrente. Capitalismo moderno? Enfim, Mário de Andrade, que “fechou o corpo” no catimbó de dona Plastina em Natal⁸⁵ reconheceria os seus, ele que levou o herói de nossa gente à macumba de tia Ciata em

85. ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1983. p. 250-254.

peessoa. Veja-se o forte (e não por acaso número sete), capítulo de *Macunaíma*:

(o herói) resolveu ir no Rio de Janeiro se socorrer de Exú diabo... A macumba se reza lá no Mangue no zungú da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra, mãe-de-santo famosa e cantadeira ao violão. Às vinte horas Macunaíma chegou na biboca levando debaixo do braço o garrafão de pinga obrigatória. Já tinha muita gente lá, gente direita, gente pobre, advogados garçons pedreiros meias-colheres deputados gatunos, todas essas gentes... marinheiros marceneiros jornalistas ricas gamelas fêmeas empregados-públicos, muitos empregados-públicos, todas essas gentes... advogados taifeiros curandeiros poetas o herói gatuno portugues senadores, todas essas gentes dançando e cantando a resposta da reza...⁸⁶

86. ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo: Martins, 1955. p. 73-74.

Um insuspeitado e abissal mundo mágico nos cerca, e no qual a Pomba Gira ocupa lugar eminente. E, acima de todas, Maria Padilha. Ponte lançada pela mironga entre o século XX e o século XIV?

E volta-se às colocações do início: espanto e perplexidade. E o não resolvido problema diante desse fenômeno de memória longa, de longa duração, o dos elos perdidos.

Como reavê-los? o caminho subterrâneo já se cavocara além mar. Feiticeiros e poetas tomaram conta de Dona Maria de Padilha. Ou é Maria Padilha e sua quadrilha os que tomaram conta dela e de todas as Antonia Maria? E, com elas, atravessaram os mares. Não terá sido difícil encontrar guarida nas terras onde a Santa Cruz não afugentava o Diabo. Onde Satanás, Barrabás e Caifás devem ter se sentido como em casa, na companhia de Ferrabraz, que este sim, parece criação da casa.⁸⁷ Pois como diz Laura de Mello e Souza, “se Deus era cultuado d’aquém e d’além mar, Satanás também o era...” E, já por aqui, “calundus e catimboseiros.”⁸⁸

87. Não creio ter registrado nem em Mello e Souza nem em Bethencourt o nome de Ferrabraz na lista dos demônios figurando em esconjuros. Será mais uma das modalidades da apropriação brasileira do tema de Carlos Magno e dos Doze Pares de França: Ferrabraz era filho do Almirante Balão, aquele que batalhou contra Oliveiros e rendeu-se, convertendo-se à fé católica. Apesar da conversão, talvez por ser perjura, ficou no imaginário brasileiro como sinônimo de capeta, de malvado.

Por que metamorfoses foi passando a hermosa Maria de Padilha, de senhora de um Rei a senhora dos cemitérios? Qual a passagem da Maria de carne e osso e formosura à chefe da diabólica quadrilha? e por onde terá andado por aqui, já transformada pelas feiticeiras aqui degredadas, até incorporar a Falange dos Exus? Daqueles que “trabalham sob as ordens do Omulu, dono e Senhor dos Cemitérios, e, acima dele, “O Maioral, o Diabo”? E onde, e quando, e qual o curto-circuito, o longo circuito que leva a enfeitadora e enfeitada amante de um Rei, Pedro, o Cruel chamado, desde Montalván em Castela a Pernambuco, Brasil, e por quais andanças chegou até os quintais do Rio e de São Paulo, de Porto Alegre e São Luis do

Maranhão, brava, exigente, dominadora, sedutora, forte e faceira, no dia que é o seu, o dia dos Mortos?

88. MELLO E SOUZA,
1987. p. 190.

Travessias. Invisíveis estradas que varam fronteiras do tempo, do espaço e da alma, lá nos “crespos do homem”, onde circulam Satanás e sua coorte—o diabo existe e não existe?—, destilando medo e fascínio, medo e fascínio do mal, medo e fascínio do amor. “Do demo? Não glosa.”

Ficam as perguntas.